

**HELENA MAGELA ALBERTO**

**DIOGO DE VASCONCELOS E A HISTÓRIA DE MINAS GERAIS : UMA  
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

**MONOGRAFIA DE BACHARELADO**

**DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

**Mariana, 2000**

**HELENA MAGELA ALBERTO**

**DIOGO DE VASCONCELOS E A HISTÓRIA DE MINAS GERAIS: UMA  
CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE NAÇÃO NA PRIMEIRA REPÚBLICA**

**Monografia apresentada ao Curso de  
História da Universidade Federal de Ouro  
Preto como parte dos requisitos para a  
obtenção do grau de Bacharel em História.  
Orientador: Prof. Henrique Soares Carneiro.**

**DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Ao alicerce da minha existência: meus pais,  
Marcelo, Janete, Marcílio.

## **AGRADECIMENTO**

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof . Henrique Soares Carneiro, e ao Prof. Ronald Polito pelas inúmeras leituras que fizeram deste trabalho e pela atenção que me concederam nos últimos meses. À Prof<sup>ª</sup>. Andréa Lisly Gonçalves por ser minha leitora crítica e à Jaqueline pela sua colaboração nos conhecimentos da Língua Inglesa.

Agradeço a Marcos, Gracinha, Cláudia e Guilherme pelo carinho, pela paciência e, principalmente, pela amizade que sempre me dedicaram. Não posso deixar de lembrar ainda de várias outras pessoas, presentes ou não, que passaram e deixaram a sua marca, contribuindo de alguma forma para a minha formação e para as reflexões que levaram a este trabalho.

## RESUMO

Monografia de Bacharelado que analisa a associação entre as obras *História antiga das Minas Gerais* (1904) e *História média de Minas Gerais* (1918) de Diogo de Vasconcelos e a construção da ideia de nação no Brasil nos primeiros anos do século XX. Neste momento, vários intelectuais voltaram-se para a realidade brasileira, buscando encontrar interpretações que proporcionassem às várias regiões do país, uma unidade nacional. Utilizou-se como método a análise de campos semânticos desenvolvida por Sola Prince durante os anos 60. Desta forma, verificou-se as relações estabelecidas, no interior do texto, por cada palavra considerada necessária à edificação de um projeto mineiro para a nação: índios, negros, portugueses, Portugal, coroa, rei, metrópole, colônia, Brasil, território, nação, pátria, história, mineiros e paulistas. Os resultados desta proposta convergem para um modelo de identidade nacional muito influenciado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

## ABSTRACT

This is a Baccalaureate Final Paper which analyses the association of both Diogo de Vasconcelos' writings: *História antiga das Minas Gerais* (1904) and *História média de Minas Gerais* (1918), and the construction of the idea of nation in Brazil in the beginning of the twentieth century. By this time, several intellectual people turned to the Brazilian reality, searching for interpretations that would develop into a national unit to the various regions of the country. The analysis of semantic fields, developed by Sola Prince in the sixties, was used as a method. This way, the relations established for each word taken as necessary to the edification of a mineiro project to the nation: Indians, negroes, portuguese people, Portugal, crown, king, metropolis, settlement, Brazil, territory, nation, country, history, mineiro and paulista people, were verified, in the interior of the text. The result of this proposal converges to a model of national identity very influenced by the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| I. Introdução.....   | 7  |
| II. Os intelectuais e a República.....   | 17 |
| III Diogo de Vasconcelos, a história de Minas Gerais e a nação.....  | 26 |
| 3.1 Diogo de Vasconcelos e a história de Minas Gerais.....   | 26 |
| 3.2 Diogo de Vasconcelos e a sua obra.....   | 30 |
| 3.3 Análise dos elementos centrais.....  | 33 |
| 3.4 Uma interpretação para a nação.....  | 53 |
| IV. Conclusões.....  | 59 |
| V. Anexo: Quadro de relações estabelecidas pelo termo " índios" em <i>História antiga das Minas Gerais e História média de Minas Gerais</i> de Diogo de Vasconcelos..... | 62 |
| VI. Bibliografia.....  | 71 |
| 6.1 Livros citados e/ou consultados.....   | 71 |
| 6.1 Fontes impressas.....  | 75 |

## I. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objeto a relação entre as obras *História antiga das Minas Gerais* (1904) e *História média de Minas Gerais* (1918) de Diogo de Vasconcelos e a construção da ideia de nação no Brasil dos primeiros anos do século XX. Procurou-se identificar, nessas obras, elementos que se inserem no projeto brasileiro de construção de uma identidade nacional, projeto presente após a independência do Brasil e que ganhou nova ênfase com a Proclamação da República.

A historiografia da Primeira República foi marcada pela busca de uma identidade nacional encontrada na história, nos sertões e na raça, José Murilo de Carvalho afirma que a tarefa dos intelectuais da Primeira República era construir uma identidade coletiva para o Brasil.<sup>1</sup> Afonso C. Marques dos Santos vai mais longe e diz que a missão dos intelectuais era civilizar ao mesmo tempo que forjar a nação. Desta forma, o conceito de nação passa a nortear a análise da realidade brasileira no início do período republicano, sendo referência a partir da qual se reconstrói o passado.<sup>2</sup> Essa historiografia, além de ser fortemente influenciada por uma tendência sociologista da história cujos expoentes eram Auguste Comte e Spencer, buscava encontrar leis que explicassem a realidade histórica brasileira. Assim, houve no período de 1889 a 1930 um rico debate historiográfico representado pela vertente pessimista da história, pelo ecletismo dos modelos explicativos, pela tentativa de uma interpretação científica da realidade e por uma redefinição da história nacional. É também neste momento que a história começa a delimitar as suas especificidades distinguindo-se da literatura e dos

---

<sup>1</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 32.

<sup>2</sup> SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. A invenção do Brasil: um problema nacional? *Revista de História*, São Paulo, n. 118, 1985. p. 5.

ensaios político-sociais.

Como se pode ver, esta construção da identidade nacional passou por caminhos bem diversos. Num mesmo período havia o nacionalismo extremado de Afonso Celso, o pessimismo em relação ao futuro do Brasil de Sílvio Romero e a descoberta do sertanejo como o típico brasileiro por Euclides da Cunha.

Neste contexto, Adalberto Marson ressalta, na grande proximidade das datas de publicação de *Os Sertões* (1902) e *Porque me ufano do meu país* (1900), a dualidade do caráter nacional brasileiro dividido entre as teorias já bastantes utilizadas do evolucionismo - baseadas na desigualdade das raças, na superioridade da raça branca e na visão pejorativa da miscigenação - e as análises sociológicas que consideravam a realidade social brasileira.<sup>3</sup> Márcia R. Capelari Naxará analisa essa multiplicidade e demonstra que ao mesmo tempo que se procurava na diversidade do país uma identidade na homogeneidade, nascia uma tendência regionalista, afirmando que a brasilidade estava na diversidade de cada região.<sup>4</sup> Já para Dante Moreira Leite, o regionalismo seria contrário ao nacionalismo, uma vez que estabelecia semelhanças e diferenças entre os brasileiros de várias regiões.<sup>5</sup>

Grande parte dos trabalhos sobre a diversidade das explicações da realidade brasileira e a construção da identidade nacional no início da Primeira República refere-se a Sílvio Romero e Euclides da Cunha.

Segundo Márcia R. Capelari Naxará, Euclides da Cunha insere-se na

---

<sup>3</sup> MARSON, Adalberto. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História*. São Paulo, n. 86, v. 42, ano 22, 1971. p. 519.

<sup>4</sup> NAXARÁ, Márcia Regina Capelari. Brasil e brasileiros interpretações científicas/ensaios de caracterização. *Revista de História*, São Paulo, n. 129-131, 1993-94. p. 32.

<sup>5</sup> LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 3. ed. rev. ref. e

amp. São Paulo: Pioneira, 1976. p. 202.

problemática sobre identidade e nação ao mostrar que se deveria ter cuidado com as características da raça brasileira em relação à entrada de imigrantes estrangeiros. Este diferenciava-se de Sílvio Romero na forma de conceber a mestiçagem. Para Sílvio Romero, a mestiçagem era fator de branqueamento da população e constituidor da identidade nacional, enquanto, que para Euclides da Cunha, o mestiço era um desequilibrado destinado a desaparecer da história. Mas ambos concordavam que a chegada de imigrantes poderia significar o fim do brasileiro.<sup>6</sup>

Thomaz Skidmore corrobora a afirmação de que em Euclides da Cunha a miscigenação constituía elemento prejudicial à formação do povo brasileiro. No entanto, mostra que em determinado trecho de *Os Sertões* a coragem dos mestiços era exaltada, o que refletiria a preocupação da elite, formulada por Sílvio Romero em *História da literatura brasileira*, de que haveria uma ligação entre miscigenação e o processo de criação da nação. Skidmore constata também que o fato de *Os Sertões* ter sido alvo da crítica carioca deve-se à falta de relação existente entre o ideal de nacionalidade da elite e a realidade brasileira.<sup>7</sup>

Para Dante Moreira Leite, Euclides da Cunha utilizara o mesmo esquema proposto por Sílvio Romero: a sociedade se explicaria pelo jogo entre raça e meio geográfico. Segundo o primeiro, o brasileiro do futuro seria o sertanejo que pelo isolamento constituiria uma raça superior, enquanto, para Sílvio Romero, o futuro do Brasil estaria no mestiço.<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> NAXARÁ. *Revista de História*, p. 41.

<sup>7</sup> SKIDMORE, Thomaz. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Teira, 1994. p. 75-77.

<sup>8</sup> LEITE. *O caráter nacional brasileiro*, p. 208.

Diante disso, pode-se perceber que as análises da realidade brasileira, tanto de Euclides da Cunha quanto de Sílvio Romero, tinham como fundamento as teorias racistas.

Angela Maria de Castro Gomes, baseada na literatura sobre a formação dos Estados nacionais, observa que nos momentos de implantação de grandes projetos políticos, os dirigentes de Estado voltam-se para o passado e passam a reescrever a história para legitimar o seu presente.<sup>9</sup> Diante disso, coloca-se no debate acima exposto as interpretações acerca do Brasil escritas por um típico intelectual mineiro de fins do século XIX e início do século XX, Diogo de Vasconcelos. Segundo dados apresentados por Francisco Iglesias e Basílio de Magalhães no prefácio e introdução encontrados na quarta edição de *História antiga das Minas Gerais*, Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcelos, descendente de tradicional família mineira, nasceu em Mariana em 1843 e em Minas Gerais permaneceu grande parte de sua vida, morrendo em 1927. Estudou primeiramente no Seminário Nossa Senhora da Boa Morte em Mariana e, depois, no Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. Tornou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1867, foi jornalista, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, do Instituto Histórico de Ouro Preto e da Academia Mineira de Letras, e também político militante, atuando como deputado à Assembleia Geral, participando dos debates sobre a questão religiosa em defesa dos bispos, entre vários outros feitos, e se afastando da política com o advento da República.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> GOMES, Angela de C. *História e historiadores: a política e a cultura do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 22.

<sup>10</sup> IGLÉSÍAS, Francisco. Prefácio; MAGALHÃES, Basílio de introdução à 2. edição. In; VASCONCELOS, Diogo *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974 . v.

As suas obras que são objeto desta pesquisa, foram reeditadas três vezes e, apesar de muito criticadas pelos equívocos e ausência de citação das fontes, destacam-se pelo seu pioneirismo na visão de conjunto da história de Minas Gerais. Oiliam José, em seus estudos sobre a historiografia mineira, classifica Diogo de Vasconcelos entre os historiadores clássicos, lembrando que entre 1870 e 1910 foram criados o Arquivo Público Mineiro (1895) e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, entidades nas quais teve participação intensa.<sup>11</sup> No entanto, não se escolheu Diogo de Vasconcelos por sua contribuição historiográfica, mas porque os textos de história fornecem uma visão de mundo de uma determinada época e também porque este autor não se insere junto aos grandes escritores, considerados construtores da identidade brasileira no início do século. Seguindo o raciocínio de Gramsci, retomado de Raffaello Ramat em relação à história da cultura, os escritores menores deixam mais facilmente transparecer as características do momento em que viveram do que os grandes escritores, pois estes últimos não pertencem a época nenhuma.<sup>12</sup>

Considerando o momento de instabilidade pelo qual passavam o país e o estado de Minas Gerais com a mudança para o regime republicano, o segundo também abalado por tensões internas que culminaram com a transferência da capital para Belo Horizonte e o engajamento político desse intelectual, acredita-se que Diogo de Vasconcelos elaborou uma interpretação da história mineira vinculada ao projeto de construção de uma identidade nacional, ressaltando aspectos gerais como pátria, elementos étnicos, raça, colonização portuguesa e território nacional. Isso dentro de um projeto de história nacional proposto por von Martius em *Como se deve escrever*

<sup>11</sup> JOSÉ, Oiliam. *Histograma mineira*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987. p. 117-129.

<sup>12</sup> GRAMSCI, António. *Literatura e vida nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.7.

a *história do Brasil* (1843), no qual destacava a importância das características próprias de cada região. Desta forma, o objetivo do presente estudo é analisar como as obras *História antiga das Minas Gerais* e *História Média de Minas Gerais* estavam inseridas no debate sobre a construção da nação durante a Primeira República, identificando aspectos que permitam constatar em uma história regional elementos ligados ao projeto de construção da identidade nacional.

Para realizar tal empreendimento, utilizou-se de dados biográficos do autor tais como instituições com as quais ele estava vinculado, origem social, produção intelectual e carreira profissional para estabelecer o "lugar", segundo a expressão de Michel de Certeau, do qual Diogo de Vasconcelos estava produzindo seu discurso historiográfico. Este "lugar" é decisivo na construção do discurso e nas questões propostas pelo autor.<sup>13</sup> Partindo do princípio de que um texto não é transparente e, seguindo o pressuposto de Dubois encontrado em Régine Robin, um texto consiste num sistema no qual as palavras estabelecem relações de oposição ou de associação entre si.<sup>14</sup> Empregou-se o método de análise de campos semânticos, desenvolvido por Soía Prince na França durante a década de 60, com algumas ressalvas, isto é, considerando as suas limitações frente aos modernos métodos linguísticos e o fato do mesmo restringir a sua análise à palavra e não ao discurso. Esse método, contudo, foi pertinente para mostrar algumas relações estabelecidas no texto que depois foram comparadas com os dados encontrados mais explicitamente. Desta forma, escolheu-se 15 palavras que foram consideradas como essenciais ao projeto de construção da nação:

pátria, nação, coroa portuguesa, território, Portugal, metrópole, colônia, rei,

---

<sup>13</sup> CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 17-48.

<sup>14</sup> ROBIN, Régine. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 153.

índios, negros, brancos, paulistas, mineiros, Brasil, história. Diante disso, analisou-se as relações que cada palavra estabelecia no conjunto do texto, através das cinco palavras localizadas à sua direita e das cinco que estavam à sua esquerda.

Enfim, ao se transplantar este método linguístico para a história encontrou-se vários problemas teórico-metodológicos devido à pluralidade de conceitos que este tipo de abordagem remete. Para elucidar a análise seguinte considera-se necessário definir o que se entende por ideias, intelectuais e nação.

No campo das "ideias" ressalta-se a observação de Skinner, na qual as ideias não se esgotam em seu significado e os remetentes de uma mensagem não se limitam a passá-la por escrito ou verbalmente, mas estão em constante interação com outras mensagens, discutindo-as e respondendo-as. Por isso, a necessidade de contextualizar a mensagem e a sua época.<sup>15</sup> Para conceituar "intelectuais" utiliza-se António Gramsci e a afirmação que todo homem fora de sua profissão é um intelectual, já que contribui para manter ou modificar uma maneira de pensar, de conceber o mundo.<sup>16</sup>

Quanto ao conceito de "nação, adere-se à definição de Benedict Anderson: "... uma comunidade política imaginada - e imaginada como implicitamente limitada e soberana"<sup>17</sup>, que é por ele estruturada da seguinte forma: a nação é limitada porque, mesmo que haja a imagem de comunhão, a maioria dos compatriotas jamais se encontrarão; é imaginada como limitada porque até a maior de todas as nações tem

fronteiras finitas; é imaginada como soberana porque o conceito nasceu no momento

---

<sup>15</sup> Skinner, Quentin. *The return of grand theory in the human sciences*. Cambridge: University Press, 1991. *apuã* FALCON, Francisco. História das ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 96.

<sup>16</sup> GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 7.

<sup>17</sup> ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989. p. 14.

em que o Estado soberano era símbolo de liberdade e é imaginada como comunidade porque a nação é sempre concebida como um companheirismo profundo.

Mesmo adotando este conceito, acredita-se que pela sua complexidade, pelas discussões a seu respeito, pelas alterações históricas sofridas e por inspirar uma legitimidade emocional, seja necessário outras considerações. No entanto, não se pretende fazer um estudo aprofundado do conceito de nação, mas apenas esclarecê-lo sob a perspectiva de alguns autores.

Enquanto que o Estado-nação é um conceito novo, moderno, as nações a que ele dá expressão política remontam a um passado remoto e deslizam para um futuro ilimitado. Para Anderson, a nação deve ser compreendida no mesmo contexto que as comunidades amplas que a precederam, a religiosa e a dinástica, que foram base e obstáculo a ser superado por ela. O declínio dessas comunidades foi consequência das mudanças econômicas e do desenvolvimento rápido das comunicações sofridos pelo mundo a partir do século XVI. Assim, a existência da nação só foi possível pela interação entre um sistema de produção e de relações produtivas capitalistas, a imprensa como tecnologia de comunicação e a diversidade linguística do homem.<sup>18</sup> Segundo esse autor, a nação só pode ser imaginada quando três conceitos culturais

básicos deixaram de ter domínio sobre o pensamento do homem. Primeiramente, a língua escrita oferecia acesso privilegiado a uma verdade ontológica por ser parcela inseparável dela; segundo, a sociedade era organizada de maneira natural em torno de centros elevados, os monarcas eram distintos das demais pessoas e governavam por meio de uma ação divina, e finalmente, a existência de uma

---

<sup>18</sup> ANDERSON. *Nação e consciência nacional*, p. 52.

concepção de temporalidade, na qual não havia distinção do tempo histórico do tempo cosmológico, tendo o homem e o mundo origens essencialmente iguais.<sup>19</sup>

Já para Eric Hobsbawm, a nação pertence a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social só quando associada ao Estado-Nação e não faz sentido discuti-la fora dessa relação<sup>20</sup>. A nação, fosse o que fosse, não excluiria o elemento da cidadania da escolha ou da participação das massas. As nações, segundo o autor, são "fenômenos duais, construídos essencialmente pelo alto, mas que, no entanto, não podem ser compreendidos sem ser analisadas de baixo, ou seja, em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses das pessoas comuns, as quais não são necessariamente nacionais e menos ainda nacionalistas."<sup>21</sup> Temas como etnia, língua comum, território, religião e tradição histórica passaram a ser predominantes

entre 1830 e 1880; além disso, é nesse período que Hobsbawm aponta o aparecimento dos três critérios que permitiriam a um povo ser denominado como nação: associação histórica com um Estado existente; ausência de uma elite cultural já estabelecida, possuidora de um vernáculo literário escrito e administrativo e capacidade

comprovada para a conquista.<sup>22</sup>

O processo de construção do Estado-nação, para Reinhard Bendix, é o processo de troca implícita. Ao mesmo tempo que passa pela construção de uma autoridade pública legítima com base na burocracia, abrangendo todo o território a ela subordinado, exige-se o reconhecimento de direitos básicos para os membros desta

---

<sup>19</sup> ANDERSON. *op. cit.* p-35.

<sup>20</sup> HOBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. p. 19.

<sup>21</sup> HOBSBAWM. *op. cit.*, p. 20.

<sup>22</sup> HOBSBAWM. *op. cit.*, p. 49.

comunidade política.<sup>23</sup> No entanto, o desenvolvimento de um Estado nacional moderno só seria possível se houvesse uma separação entre as funções do Estado e de outros setores:

Um corolário inquestionável dessa emergência do Estado-nação é o desenvolvimento de um corpo de funcionários, cujo recrutamento e execução política foram gradualmente separados do envolvimento previamente existente de funcionários com lealdades por parentesco, privilégios hereditários e interesses de propriedade<sup>24</sup>.

Desta forma, o Estado nacional foi resultado das necessidades, das disputas com outros estados e das negociações com classes distintas e interesses diversos da população.

---

<sup>23</sup> BENDIX, Reinhard. *Construção nacional e cidadania: estudos de nossa ordem social em mudança*. São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>24</sup> BENDIX. op. cit., p. 141.

## II. OS INTELECTUAIS E A REPÚBLICA

Lúcia Lippi Oliveira afirma que em momentos de crise da sociedade brasileira, ou em momentos de implantação de grandes projetos políticos, como na Proclamação da República ou durante a Primeira Guerra Mundial, a busca de uma identidade para a nação passa a predominar sobre todas as outras questões nacionais<sup>1</sup>.

A versão mais aceita é que na Proclamação da República não houve participação popular e esta se resumiu para os seus contemporâneos em uma parada militar. Contudo, percebe-se que a Proclamação foi seguida por intensos debates, tanto da parte das elites políticas que precisavam legitimar esse novo momento da história, quanto da parte mais pobre da população que não aceitava o novo regime. Sobre o fato, Lúcia Lippi de Oliveira ressalta que a questão nacional e o seu debate fizeram parte do dia-a-dia dos jornais e da política no início da Primeira República. José Murilo de Carvalho corrobora este dado afirmando que:

A República foi proclamada sem um movimento nacional, sem participação popular. Mas os conflitos que se seguiram à sua proclamação e à necessidade de afirmar-se como nova forma de governo em oposição à monarquia

contribuíram para renovar o debate em torno do problema nacional. Eliminada a dinastia portuguesa, o País ficava entregue a si mesmo, e a pergunta sobre o que era esse País tomava-se mais premente.<sup>2</sup>

A República foi proclamada numa sociedade com profundas desigualdades económicas e sociais, num momento de grande especulação causada pelas emissões

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 13.

<sup>2</sup> CARVALHO, José Murilo de. Nações imaginadas. In: *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 249.

de dinheiro feitas pelo governo para cobrir as necessidades da abolição. Quem dominava tanto o aspecto político quanto o económico eram as elites agrárias, principalmente as de São Paulo e Minas Gerais, que formavam um sistema oligárquico praticamente fechado e dominavam o acesso à maioria dos cargos técnicos e públicos, o que impulsionava relações de dependência pessoal por todo o país.

Havia vários projetos republicanos, baseados nos modelos da república francesa e da norte-americana. José Murilo de Carvalho aponta três modelos diferentes de república, resultantes de três grupos diferentes. A primeira versão da República apresentada é a dos proprietários rurais. A República ideal seria a norte-americana com a sua visão individualista do pacto social, que justificava os interesses particulares dos proprietários rurais, ao definir o interesse público como a soma dos interesses individuais, e neutralizava a participação popular. Esta solução federalista era adequada, sobretudo aos representantes das principais províncias do pendo imperial: São Paulo, Minas Grerais e Rio Cirande do Sul. Com os pressupostos do darwinismo social,

presentes em Spencer que era o inspirador de Alberto Sales, o principal teórico desta vertente da república, e os princípios federalistas, os proprietários rurais poderiam manter um regime bastante autoritário e foi este modelo que conseguiu sair em grande parte vitorioso na Constituição de 1891. A segunda, a dos pequenos proprietários, profissionais liberais, jornalistas, professores, estudantes, é a versão Jacobina, que via sobre a monarquia do Brasil os mesmos defeitos do Antigo Regime francês. Para eles, o ideal seria a República francesa, queriam a liberdade, a igualdade e a participação, falavam em revolução, pediam a morte do príncipe e cantavam a Marselhesa pelas

ruas. E, finalmente, a versão positivista, formada em sua maioria por militares, que condenava a monarquia em nome do progresso, pois esta correspondia à fase teológico-metafísica, que deveria ser superada pela fase positiva que era a república. Queriam a separação da Igreja e do Estado, e um executivo forte e intervencionista, além de enfatizarem o desenvolvimento industrial e a ciência. Assim, os vários grupos que buscavam uma saída republicana para a monarquia, exceto alguns radicais, partindo de princípios liberais acabavam enfatizando o Estado.<sup>3</sup>

José Murilo de Carvalho destaca que a instabilidade política durante os primeiros anos da República foi uma constante preocupação para as elites. Havia agitações na capital do país, crise na economia causada pela baixa do preço do café e pela negociação da dívida externa, riscos de fragmentação do país e guerra civil nos estados do Sul. Assim, acabar com essa instabilidade política passou a ter caráter de urgência,

pois era necessário para manter o país unido e controlar a exportação. A forma encontrada para neutralizar as agitações da capital era fortalecer os estados para diminuir a pressão de suas oligarquias, garantindo-lhes um domínio local e uma participação no poder nacional. Assim, foi implantada, em 1898, a chamada "política dos governadores" como garantia de estabilidade.<sup>4</sup>

Perante tal situação política e económica, os republicanos tiveram que construir uma nação e como a concepção de república era diferenciada, esta construção também foi diversificada de acordo com os projetos que a norteavam. Segundo Renato Ortiz,

---

<sup>3</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*, o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 93-96.

<sup>4</sup> CARVALHO, *op. cit.*, p. 31.

há várias identidades nacionais resultantes dos vários grupos formadores da sociedade, a disputa está em fazer da identidade de cada grupo a predominante sobre as demais.<sup>5</sup>

Nicolau Sevcenko ressalta que sem possuir uma nação propriamente dita no momento da Proclamação da República já havia elementos formadores de identidade nacional: uma língua comum, religião e unidade política, mas faltava um sentimento de nacionalidade e com um Estado reduzido ao servilismo político, precisava-se de um governo que atuasse na construção da nação e na modernização da estrutura social e política do país. Esses foram os objetivos básicos dos intelectuais que queriam que o Brasil acompanhasse o modelo da França e dos Estados Unidos.<sup>6</sup>

Diante da necessidade de respaldo popular, de uma legitimação para o governo republicano, é que os intelectuais se voltaram para a realidade do Brasil e buscaram integrá-lo ao mundo civilizado ocidental, buscando a sua identidade. Sobre isso, Nicolau Sevcenko afirma:

Neste contexto é que se inserem os esforços remitentes despendidos na tentativa de determinar um tipo étnico específico representativo da nacionalidade ou pelo menos simbólico dela, que se prestasse a operar como um eixo sólido que centrasse, dirigisse e organizasse as reflexões desnorteadas sobre a realidade nacional.<sup>7</sup>

Os intelectuais no início da República eram homens ligados ao jornalismo, uma vez que este setor era local de ingresso no mercado intelectual, que expandia contatos e era também um veículo de divulgação e circulação de ideias bastante valorizado. Esses intelectuais que faziam de suas obras objetos de pressão e transformação político-social,

---

<sup>5</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 8.

<sup>6</sup> SEVCENKO, Nicolau. *A literatura como missão, tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 83.

<sup>7</sup> SEVCENKO. *op. cit*, p. 85.

segundo Nicolau Sevcenko, vão com o tempo se afastar da atuação política da República. Isto porque a República não seria como eles haviam planejado, esta não contribuía em nada com as conquistas sociais, com a expansão da cidadania, era um regime rígido marcado, a princípio, por uma forte tendência à exclusão da maioria do povo brasileiro. O mesmo fato é apontado por Lúcia Lippi de Oliveira:

Esta geração, que refletia e elaborava um novo pensar no Brasil, estes "mosqueteiros intelectuais" encontraram um país surdo ou preguiçoso à sua campanha salvacionista. A agitação política dos primeiros momentos da vida republicana provocou o afastamento de muitos intelectuais da arena política. Entre 1890 e 1900, um grande número de escritores abandonou uma posição de engajamento mais direto na vida social para uma posição de ceticismo e distanciamento frente à estrutura política, social e econômica

do país. A República existente, pela qual tantas lutaram, não só não correspondia a seus sonhos como também os afastava das funções públicas.<sup>8</sup>

As várias interpretações da realidade brasileira, apresentadas pelos intelectuais no início da Primeira República, deram origem a diferentes modelos de identidade nacional. De acordo com Lúcia Lippi Oliveira existia um modelo "monarquista" representado por Eduardo Prado e caracterizado por uma aceitação positiva dos períodos colonial e imperial, pois estes eram resultado da colonização portuguesa e da igreja católica, e por uma aversão à sociedade americana. Em oposição à este modelo havia uma interpretação "republicana", que tinha como principal expoente Raul Pompéia e foi intensificada pelo jacobinismo durante o governo de Floriano Peixoto. Essa diferenciava-se por uma necessidade de rompimento com o passado português e de integração ao mundo americano. Assim, no primeiro modelo a nacionalidade estava na singularidade do

---

<sup>8</sup> OLIVEIRAS *questão nacional na Primeira República*, p. 86.

país desde a sua colonização, enquanto que no segundo estava na construção de uma nova sociedade organizada pelos nacionais.

Além dessa bipolaridade no campo político-ideológico, havia também uma corrente de intelectuais voltados para uma interpretação cientificista do Brasil, apoiada em pressupostos evolucionistas como desigualdade das raças, superioridade da raça branca e aceitação da miscigenação como um mal à civilização, e em princípios do positivismo de Auguste Comte, imbuída pela ideia de progresso, ou ainda influenciada por Spencer.

Grande parte dos intelectuais aceitavam as teorias evolucionistas e isso implicava em analisar a história brasileira dentro da história da evolução da humanidade, mostrando o Brasil sempre num estágio inferior ao estágio já alcançado pelos países europeus. Segundo Nicolau Sevcenko, somente uma ciência sobre o Brasil poderia garantir o seu futuro, já que as elites tradicionais estavam desacreditadas para conduzi-lo<sup>9</sup>. Esses intelectuais buscavam nas teorias em voga na Europa, em fins do século XIX e início do século XX, aproximar o Brasil do mundo civilizado europeu, o que está bastante explícito neste trecho de Lúcia Lippi Oliveira:

A elite intelectual aceitou aquelas ideias que permitiam pensar a integração do Brasil na cultura ocidental. O positivismo, o darwinismo, o spencerismo e o materialismo preencheram o mesmo papel, essas correntes veicularam uma filosofia da história que possibilitava esta integração ao moderno, ao científico, ou ao Estado positivo.<sup>10</sup>

O pensamento brasileiro em fins do século XIX e início do século XX encontrou na

---

<sup>9</sup> SEVCENKO. *A literatura como missão*, p. 85.

<sup>10</sup> OLIVEIRA. *A questão nacional na Primeira República*, p. 81.

raça e no meio geográfico os elementos que mostravam a especificidade brasileira frente à compreensão mais geral fornecida pelo evolucionismo. A história brasileira passa a ser explicada em termos deterministas, tendo no clima e na raça os fundamentos da natureza indolente do brasileiro. É o que faz Sílvio Romero ao definir o meio e a raça como definidores da realidade do Brasil. Para esse autor, a nacionalidade só seria possível no futuro, através do processo de branqueamento da população. Esse

determinismo leva a uma perspectiva pessimista em relação ao futuro do Brasil, exemplo melhor disso eram os mestiços considerados como resultado de cruzamentos entre raças diferentes e portadores dos maiores defeitos e taras transmitidos pela herança biológica.

Durante o auge das teorias racistas no Brasil, 1880-1920, a ideologia do branqueamento ganhou legitimidade científica, estas passaram a ser interpretadas pelos brasileiros como certeza de que a raça branca acabaria por predominar no processo de mistura de raças.

Thomas Skidmore, ao estudar as ideias racistas que influenciaram a elite intelectual brasileira, determina o período de 1888-1914, como momento em que essas ideias são predominantes na *intelligentsia* brasileira. O ano de 1888 é a data da Abolição da escravidão, mas representa também o momento de publicação da obra mestra de Sílvio Romero, *História da Literatura Brasileira*. Já 1914 simboliza o início da Primeira Guerra Mundial, isto é, a emergência de um espírito nacionalista que procura se desvencilhar das teorias raciais e ambientais características do início da República Velha.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> SKIDMORE. Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

E por fim, havia também uma interpretação positivista, na qual a nação não era singular, essa correspondia à pátria e era um prolongamento da família.

No começo do século XX, a cultura brasileira era totalmente imitativa da europeia, era consenso a vontade de mostrar o Brasil como posto avançado da civilização europeia. Afonso Celso e Olavo Bilac dão a esse quadro uma contribuição: o ufanismo. Essa vertente da interpretação do Brasil era otimista quanto ao futuro do país, uma vez

que via na grandiosidade da natureza e nas características das três raças formadoras do povo brasileiro subsídios para isso. Lúcia Iippi de Oliveira observa que isso só acontece quando a República tornou-se algo aceito e irreversível, procurava-se modernizar o país e o pensamento conservador tomava novos contornos<sup>12</sup>. Essa visão edênica da natureza criadora de orgulho nacional, José Murilo de Carvalho, ao retomar Carlos Fico, aponta-a como herdeira da visão dos primeiros descobridores e viajantes e afirma que a exaltação da natureza como elemento nacional já estava presente desde o período colonial com Antonil em *Cultura e opulência do Brasil*, Sebastião de Rocha Pita em *História da América portuguesa*, entre outros<sup>13</sup>. No entanto, nesse período anterior, o mesmo consenso existente na exaltação da natureza não existia na exaltação da população. O maior representante desta vertente, no início da República, é Afonso Celso com a obra *Porque me ufano do meu país*. Neste livro, além da exaltação da natureza havia motivos para se orgulhar da população do país, a fusão das três raças, o

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA. *A questão nacional na Primeira República*, p. 191.

<sup>13</sup> CARVALHO. *Pontos e bordados*, p. 244. cf. FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 1997. p. 31.

caráter nacional, a história. Essa foi a concepção de nação que teve maior repercussão, permanecendo presente, em muitos aspectos, até hoje.

Contudo, pode-se falar que para essas interpretações do início da República o problema da raça como empecilho ao desenvolvimento do país não se colocava, exceto

para as interpretações científicistas. Essas últimas, influenciadas pelo pensamento racista europeu, colocam a mestiçagem como um obstáculo, enquanto que para as primeiras, esta era vista como originalidade, já que estavam apoiadas nas diretrizes de Martius esboçadas em *Como se deve escrever a história do Brasil*.

A visão da nação que teve maior repercussão foi ufanista e pode-se dizer que ela permanece em muitos aspectos até hoje.

José Murilo de Carvalho observa que talvez por não haver consenso em relação à identidade nacional, houve no início da República uma preocupação maior com a construção de uma nação por meio da educação, sobretudo primária. Esta literatura com temas brasileiros destinada ao povo infantil mostra uma preocupação em definir a identidade da nação e desenvolver o patriotismo entre as crianças. No entanto, a imagem positiva do país ficava restrito ao público infantil; frente às elites predominava a visão científicista, que desconfiava das potencialidades tropicais e mestiças do Brasil em relação a um futuro promissor.<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> CARVALHO. *Pontos e bordados*, p. 252-255.

### **III. DIOGO DE VASCONCELOS, A HISTÓRIA DE MINAS GERAIS E A NAÇÃO**

### 3.1 Diogo de Vasconcelos e a história de Minas Gerais

Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcelos era filho de notável família mineira e nasceu em Mariana em 1843.<sup>1</sup> Permaneceu grande parte da sua vida em Minas Gerais e em decorrência de seu conservadorismo e participação na história de Minas, seja na política, na atividade forense ou mesmo no jornalismo, pode ser considerado um típico intelectual mineiro. Fez os primeiros estudos em instituições religiosas, no Seminário Nossa Senhora da Boa Morte em Mariana e, depois, no Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro. Logo após, cursou direito na Faculdade de Direito de São Paulo.

Para Lília Moritz Schwarcz, as faculdades de direito de São Paulo e Recife estavam vinculadas, desde a sua criação em 1828, à independência política do Brasil em 1822. Elas tinham o objetivo de formar uma elite capaz de solucionar os problemas da nação, que sendo independente culturalmente de Portugal, fosse responsável pelo desenvolvimento de um pensamento próprio e pela elaboração de uma Constituição.

Nas mãos desses juristas estaria, portanto, parte da responsabilidade de fundar uma nova imagem para o país se mirar, inventar novos modelos para essa nação que acaba de se desvincular do estatuto colonial, com todas as singularidades de um país que se libertava da metrópole mas mantinha no comando um monarca português.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MAGALHÃES, Basílio de. Introdução à 2. edição. In: VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*, 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.1.p. 31.

<sup>2</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 141.

Estudando em uma instituição bastante comprometida com a formação de uma

éite local capaz de melhorar ou, pelo menos, problematizar a realidade brasileira, Diogo de Vasconcelos, o intelectual mineiro a ser estudado, era extremamente conservador desde os tempos de academia. Num dos centros intelectuais do país fortemente influenciado pelo modelo político liberal, este autor era famoso por suas atitudes reacionárias. Em estudos sobre a Faculdade de Direito de São Paulo e os estudantes que por lá passaram, José Luís de Almeida Nogueira chega a mencionar esta característica como fator dominante em sua personalidade.<sup>3</sup>

Acredita-se que as obras de Diogo de Vasconcelos tenham sido influenciadas pelas entidades com as quais estava vinculado, sendo importante destacar a sua participação nos institutos. Além de membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Diogo de Vasconcelos foi um dos membros e fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Instituto Histórico de Ouro Preto, institutos especializados em uma produção de cunho oficial. Sendo membro destes Institutos pressupõe-se que ele tivesse afinidades com o modelo de história proposto em âmbito nacional pelo IHGB.

Logo após à independência brasileira, tanto a elite política quanto a intelectual buscavam criar uma identidade nacional que permitisse ao Brasil preservar a integridade territorial e controlar as tensões internas. Durante grande parte do século XIX, a produção historiográfica brasileira estava vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838 e caracterizado por uma história

---

<sup>3</sup> NOGUEIRA, José Luís de Almeida. *A academia de São Paulo; tradições e reminiscências -estudantes, estudantões, estudantadas (1907-1912) apud* MAGALHÃES, Basílio de. Introdução à 2. edição. *In: VASCONCELOS, Diogo de História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.1.p. 32.

elitista e de cunho iluminista. Essa entidade marcou a discussão sobre o conceito de

nação neste período. O IHGB tinha como função construir a história do Brasil e legitimar o Estado como criador e garantidor de nossa nacionalidade, papel enfatizado com a consolidação da monarquia.

O projeto de escrita de uma história nacional estava diretamente ligado ao projeto de construção de uma nação. Desta forma, o IHGB delineava os elementos que os institutos regionais deveriam seguir. De acordo com Lilia Moritz Schwarcz, apesar da pretensão de uma história nacional totalizante, os diferentes institutos produziram um discurso caracterizado pelo regionalismo, fator primordial nas disputas entre as diferentes regiões, no período imperial e no início do republicano. Assim, enquanto o IHGB tinha como função delimitar espaços e ganhar respaldo nacional; os outros institutos teriam que defender as suas especificidades locais, definindo uma hegemonia cultural.<sup>4</sup> Fato que Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães aponta como coerente ao projeto de história nacional que o IHGB pretendia construir, visto que: "Concebido de forma ampla, o projeto de história nacional deveria dar conta da totalidade, construindo a nação em sua diversidade e multiplicidade de aspectos."<sup>5</sup> Diante disso, os institutos regionais não estavam ligados ao IHGB somente pelo nome, mas também por uma certa concepção de história, ou seja, por "uma história católica, patriótica, permeável a um discurso evolucionista e muito vinculado à política oficial"<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> SCHWARCZ. *O espetáculo das raças*, p.176.

<sup>5</sup> GUIMARÃES, Manuel Luiz Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, n.1, 1988, p. 16.

<sup>6</sup> SCHWARCZ. *op. cit.*, p. 117.

Diogo de Vasconcelos era monarquista e católico fervoroso, defendendo

ferrenhamente a Igreja Católica na política e no jornalismo. Como político participou ativamente da história de Minas Gerais. Já com o título de bacharel, foi secretário de dois presidentes da província em Minas Gerais entre 1869 e 1870. Pouco depois, foi deputado à Assembleia Geral por seis anos, participando dos debates da questão religiosa em favor dos bispos e, por fim, deputado à Assembleia Provincial no período de 1878 a 1885.<sup>7</sup> Combateu o regime republicano, antes da sua proclamação, e juntamente com outros monarquistas mineiros voltaram-se para os republicanos até com certa agressividade. Em decorrência do Congresso Republicano em Ouro Preto, estes reuniram-se para perturbar o encontro, chegando a conseguir a adesão dos hoteleiros ouropretanos no sentido de não hospedarem os participantes do congresso.<sup>8</sup>

No entanto, estes que atacavam, implacavelmente, a oposição republicana, aceitaram o novo regime como fato consumado, resistiram nos primeiros tempos, mas sutilmente. Exemplo disso é uma reunião em Juiz de Fora, na qual os mineiros queriam escolher uma chapa que pudesse representá-los na Assembleia Constituinte que se elegeria em 1890. Diogo de Vasconcelos, junto a António Carlos Ribeiro de Andrada, João Penido, Silviano Brandão e a outros dissidentes não aceitaram a chapa oficial e formaram o Partido Católico. Em seu manifesto, este partido propunha uma República moderada, honesta e liberal, em contraposição a uma República despótica da chapa oficial. O Partido Católico não elegeu, em 1890, nenhum deputado ou

---

<sup>7</sup> IGLESIAS, Francisco, Reedição de Diogo de Vasconcelos. *In: VASCONCELOS, Diogo de. História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.1. p. 26-27.

<sup>8</sup> SILVA, Vera Alice Cardoso. O significado da participação dos mineiros na política nacional, durante a Primeira República. *In: CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. Seminário de Estudos Mineiros, V: A República Velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982. p. 147.

senador; já a chapa oficial elegeu 90% dos deputados.<sup>9</sup> Diogo de Vasconcelos afastou-se da política logo após a Proclamação da República, só retornando depois de muitos anos.

No final do século XIX, Minas Gerais foi assoiada por constantes ameaças de divisionismo, de permanente conflito e pela dificuldade de estruturar facções em torno de um projeto de unificação da região. De 1892 a 1898, a política mineira foi quebrada por todos os tipos de conflitos entre municípios e estado, entre distritos dentro de um mesmo município e entre as oligarquias locais.<sup>10</sup> Em consequência dos conflitos entre as oligarquias tem-se a transferência da capital para uma área neutra, uma vez que havia uma separação entre a região das minas, a do café e a dos sertões.<sup>11</sup> Helena Bomeny lembra, ainda, que os políticos republicanos mineiros do século XIX estavam preocupados em unificar o estado e prepará-lo para uma nova forma de atuação na política nacional imposta pela República, e para isso faziam apelos em nome da prudência e da unidade de Minas.

### **3.2 Diogo de Vasconcelos e a sua obra**

O interesse em fazer uma história regional cresceu no Brasil na última década do século XIX com a Proclamação da República e a ênfase na autonomia de cada região. Se não se pode esquecer que, anteriormente, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro já considerava este tipo de abordagem relevante para a construção de uma

---

<sup>9</sup> BARBOSA, Fernando de Assis. Minas e a constituição de 1830. *In*: CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. *Seminário de Estudos Mineiros, V: A República Velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982. p. 101.

<sup>10</sup> BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994. p. 35.

<sup>11</sup> BOMENY. *op. cit.*, p. 37.

história nacional, contudo, a história regional somente vai ganhar proporções únicas neste período republicano. Assim, a obra de Diogo de Vasconcelos surge no período em que há um interesse pelas diferentes regiões do país, no qual também são editados livros dedicados a outros estados, como Pernambuco e Ceará.<sup>12</sup>

Diogo de Vasconcelos tinha como projeto escrever uma história de Minas Gerais em sua totalidade; no entanto, conseguiu apenas escrever os dois primeiros volumes. O primeiro, conforme o próprio autor, é a "narração dos descobrimentos até a instalação da capitania de Minas, separada de São Paulo", enquanto o outro volume vai até 1785, porque a partir desse momento "vem raiando o episódio da Inconfidência, e esta, como fato culminante, exige maior tratamento."<sup>13</sup>

As obras *História antiga das Minas Gerais* e *História média de Minas Gerais* de Diogo de Vasconcelos, apesar de muito criticadas pela ausência de citação das fontes e de serem apontadas como impressionistas, românticas e precedidas por outras de maior rigor teórico-metodológico como as de Varnhagem e Capistrano de Abreu, apresentam inovações em relação à história de Minas Gerais. São notáveis pela visão de conjunto e constituem bibliografia básica para todos que se interessam pela história deste estado.

Considera-se útil, neste momento, apresentar alguns aspectos peculiares da publicação das obras que se pretende analisar e do pensamento do autor. Em carta de agradecimento a um de seus amigos, o senhor Avelino Fernandes, Diogo de Vasconcelos afirma que o seu objetivo com o livro *História antiga das Minas Gerais*

---

<sup>12</sup> IGLESIAS, Francisco. Reedição de Diogo de Vasconcelos. In: *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v.I. p.13.

<sup>13</sup> VASCONCELOS, Diogo de. *História média de Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. P-[11].

era melhor servir aos seus alunos e não obter algum título. Vasconcelos conta que ao tentar publicá-lo informaram-lhe que isto só seria possível se ele conseguisse do Conselho Superior da Instrução Pública do Estado a sua adoção para o ensino. O Conselho Superior declarou que a sua obra não era didaticamente recomendável ao ensino primário, mas aprovou o parecer de um dos relatores, o dr. Nelson de Sena, no qual indicava a obra como de "leitura útil", que merecia ser publicada. Diante disso, foi enviado à Câmara dos deputados um projeto de impressão da obra sem gastos para o autor, que também foi aprovado.<sup>14</sup>

Continuando a ler essa carta observa-se a concepção de História do autor, isto é, uma visão pragmática, na qual escrever a História é reconstruir o passado como realmente aconteceu:

Escrevendo esta História é bem claro que não tive somente em vista instruir alunos, senão também educá-los civicamente, pois convencido sou da influência moral que a história exerce no próprio sentimentalismo dos moços, oferecendo-se-lhes um inventário exato e verdadeiro do passado. (...)

Ora, a história é o quadro magistral que nos oferece no proceloso oceano dos tempos o roteiro, pelo qual poderá a mocidade evitar os erros, condenar os vícios, fortificar as virtudes, e converter a força de suas próprias paixões em generoso instrumento de progresso.<sup>15</sup>

Enfim, ressalta-se a importância que Diogo de Vasconcelos confere à História na formação dos jovens e a concordância entre a sua interpretação política da história e a de vonMartius:

---

<sup>14</sup> VASCONCELOS, Diogo. Agradecimento. In: *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v. 2. p. 266.

<sup>15</sup> VASCONCELOS, Diogo. *op. cit.* p. 266-267.

Por fim devo ainda ajuntar uma observação sobre a posição do historiador do Brasil para com a sua pátria. A história é uma mestra, não somente do futuro, como também do presente. Ele pode difundir entre os contemporâneos sentimentos e pensamentos do mais nobre patriotismo.<sup>16</sup>

### 3.3 A análise dos elementos centrais

A princípio, a proposta era analisar a *História antiga das Minas Gerais* e a *História média de Minas Gerais*, segundo o método de abordagem dos campos semânticos, verificando cada palavra em todos os seus empregos e contextos, fugindo das citações e do intuicionismo. No entanto, o uso de citações de alguns trechos tornou-se necessário para elucidar o pensamento do autor, em função das próprias limitações do método. Analisou-se a obra de Diogo de Vasconcelos através dos pressupostos metodológicos desenvolvidos por Sola Prince na década de 60, cuja proposta é dividir o texto em rede de relações. O método é considerado ultrapassado do ponto de vista dos linguistas, mas pode oferecer contribuições aos trabalhos de história, uma vez que desmembra o texto e deixa transparecer elementos ocultados numa simples leitura.

Dessa forma, dividiu-se o texto em quatro rede de relações: ligações temáticas ou nocionais subdivididas em dois grupos: associações, que são as ligações positivas, e oposições, que são as ligações negativas; rede das qualificações, que engloba tudo que indica o ser ou a maneira de ser do sujeito; rede verbal que subdivide-se em "ação de", ações efetuadas pelo sujeito, e "ações sobre", ações efetuadas por outros sobre o sujeito que se torna passivo; e por último a rede de equivalências, ou seja, as palavras que possuem as mesmas oposições e associações no texto<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 24,381-403, jan.= 1845.

<sup>17</sup> ROBIN, Régine. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 155-156.

Acredita-se que as 15 palavras-chaves seguintes possam ilustrar o conceito de nação presente na obra de Diogo de Vasconcelos e a identidade nacional que a partir dele formaria: índios, brancos, negros, Portugal, coroa, rei, metrópole, colônia, nação, pátria, Brasil, território, paulistas, mineiros e história. Diante disso, procurou-se traçar o campo semântico estabelecido por cada palavra no interior do texto. Devido ao número de palavras escolhidas e ao tamanho do *corpus* analisado, foi necessário optar pela apresentação do quadro de relações somente em um termo. Houve, também, omissão de algumas ligações temáticas, isto porque não ofereciam informações consistentes ou, simplesmente, porque não existiam.

## OS ÍNDIOS

Ao analisar as relações estabelecidas pela palavra "índios" na *História antiga das Minas Gerais* e *História média de Minas Gerais*, utilizou-se como termos equivalentes gentílicos, gentios, indígenas, selvagens, aborígenes e íncolas. Denominações também usadas, por Diogo de Vasconcelos, para referir-se aos índios.

De acordo com o quadro de relações anexado, os índios, na maioria das ocorrências do vocábulo, são qualificados como insurretos, ferozes, bárbaros, nômades, guerreiros, ariscos, escassos e ferocíssimos. A tribo puri, cujos índios Diogo de Vasconcelos descreve como sendo de "boa índole e medrosos"<sup>18</sup>, e os tupis, índios mansos e administrados que serviam como exército aos brancos, são uma exceção. A rede de qualificação permite estabelecer uma distinção entre as tribos. Assim, haveria tribos mais adiantadas como a tapiraçaba, na qual os índios se

---

<sup>18</sup> VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v. 1.p.234.

vestiam de modo descente, cozinhavam e conheciam o algodão, outras que tinham conhecimento de técnicas avançadas de desenho, e outras que permaneciam em estágio de barbaria, praticando o canibalismo e o nomadismo.

Na rede de associações, os índios aparecem sempre vinculados a quatro elementos: aos jesuítas, responsáveis pela educação e civilização dos índios; à guerra, eterna briga entre as tribos e, depois, à participação nos conflitos entre portugueses, holandeses e franceses; à descoberta de metais e pedras preciosas, como guias ou membros das expedições; e por fim à senhoriagem, na qual os índios tinham contato com a civilização e ficavam protegidos do canibalismo de outras tribos,

A rede de oposições oferece poucas informações. Os índios se opõem aos seculares, que preferiam a escravização franca ao extermínio usado nos Estados Unidos; aos aventureiros e caçadores de índios; a vários paulistas que combatiam índios selvagens; ao advento do europeu e à companhia do exército.

Para melhor compreender a rede de ações optou-se por dividi-la em 10 grandes grupos: 1. adaptação à vida civil: os jesuítas foram os que mais contribuíram para a civilização indígena, educando-os e protegendo-os. O autor mostra que nem todas as tribos eram, facilmente, moldáveis à vida civil, e foi esta última que levou os índios à prostituição e ao selvagerismo. A respeito da vida civil, o autor ainda observa como foi cruel a servidão indígena e o impacto que a chegada dos conquistadores provocou nesta população. No entanto, chega a afirmar que o contato com os europeus, a experiência de guerras estrangeiras e a escravidão, que eram escolas de progresso e novas ideias, tiveram mais poder em melhorar a condição indígena do que a evolução

espontânea<sup>19</sup>, e que a servidão foi mais digna do que a exposição dos selvagens à nudez, à fome e ao canibalismo<sup>20</sup>; 2. auxílio na descoberta de metais e pedras preciosas como guia, soldado, intérprete ou mensageiro; 3. fuga para o interior dos sertões com o intuito de refugiarem-se da cobiça dos portugueses e da escravidão; 3. características e costumes: Diogo de Vasconcelos aponta as características, costumes e condições de vida dos índios. Identifica a língua tupi como admiravelmente expressiva, aponta o significado de vários termos e até descreve o processo de formação de alguns vocábulos. Mostra a forma de organização das tribos, alguns hábitos de alimentação e destaca as principais diferenças entre indígenas e negros, os primeiros não custavam dinheiro, nem entravam em inventário; 4. aldeamentos: algumas vezes, os aldeamentos constituíam locais onde se conservavam os índios no seu regime natural de habitação; outras, aqueles tinham uma disciplina mais dura do que a da escravidão. Os padres apropriavam-se das superstições indígenas para alcançar os seus objetivos e educavam os rapazes que revelavam vontade e aptidão; 5. guerras: a capacidade de guerrear dos índios agravou-se com a chegada dos portugueses, uma vez que aqueles tiveram participação intensa nos conflitos e aprenderam, nas guerras contra holandeses e franceses, as ideias de solidariedade e aliança. Diogo de Vasconcelos afirma que não houve um extermínio impiedoso dos índios, já que estes não constituíam um elemento fraco frente ao europeu e as guerras daquele período eram feitas, em sua maioria, com flechas, levando muitos chefes da colônia a morrerem em suas mãos; 7. povoamento de Minas Gerais: os indígenas participaram do povoamento do território mineiro, que se fez por elementos em vários estágios de civilização; 8. crimes: todas às vezes que os índios

---

<sup>19</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 38.

<sup>20</sup> VASCONCELOS, *op. cit.*, p. 40.

cometiam algum delito, estavam sempre acompanhados de negros, mestiços ou mamelucos; 9. escravidão: a escravidão indígena era tolerada por ser indispensável aos serviços pesados da roça e os índios administrados viviam em disfarçada escravidão; 10. contribuição para a formação do território mineiro: o resultado do contato entre brancos e índios foi que estes deixaram de ser menos boçais do que antes, ultrapassando o estado rudimentar através das relações que mantiveram com vizinhos e fugitivos. Vasconcelos chega a dizer que sem eles nada seria a nossa história, pois foram fiéis colaboradores da civilização; e se Portugal conseguiu colonizá- e manter a integridade do território, foi "...graças ao elemento indígena e aos grandes homens que saíram de seu sangue, preparados e educados pelos jesuítas..."<sup>21</sup>

## **OS NEGROS**

O espaço reservado ao negro na obra de Diogo de Vasconcelos é muito pequeno. Empregou-se como vocábulos equivalentes pretos e africanos.

As qualificações encontradas para este termo são negros fugidos, que aparecem várias vezes; negros levantados; negros da África; tristes negros e infelizes classes oprimidas. Exceto a qualificação de negro fiel e querido, dada a um negro conhecido como Bigode, assim chamado por ser intermediário nas maldades do seu senhor, grande parte das qualificações são empregadas como depreciativas.

As ações exercidas pelos negros se agrupam em torno de quatro assuntos principais: servir como mão de obra, cometer delitos, descobrir jazidas e ser membro de expedições. Entre estas, predominam as ações em que o negro pratica algum crime, assustando a população: rapto, depredação, homicídio e organização de

---

<sup>21</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 23.

conspiração, e as que demonstram as qualidades do negro como força de trabalho: dispor de força animal, saber obedecer, ser o único instrumento de trabalho nesta sociedade, consumir o mínimo e produzir o máximo.

A rede de ações, exercidas sobre os negros, confirma muitas das informações encontradas nas outras redes de relações. Estas giram em torno do negro como objeto, força de trabalho, malfeitor e membro de comitivas. No primeiro caso, os negros eram enviados a diversas autoridades coloniais acompanhados de armas e alimentos, consistindo em necessidade básica para a sobrevivência e sinal de poder aquisitivo. Em seguida há o estabelecimento ou aplicação de penalidades ao negro por crimes e fugas. E, finalmente, o negro aparece servindo de soldado aos grupos que procuravam ouro ou defendiam algum povoado.

Na rede de relações temáticas, os negros aparecem associados a Femão Dias Paes Leme, índios selvagens, quilombos, rei, escravidão, conde Valadares (que deu postos de administração a negros), formação da sociedade mineira, paulistas, índios, mamelucos, bastardos e bandoleiros.

Acredita-se que Diogo de Vasconcelos reconhece a importância do negro como mão-de-obra e o seu auxílio na descoberta e defesa de populações, mas não aceita, ou melhor, aceita de forma depreciativa a sua contribuição para a sociedade, uma vez que estes são responsabilizados por quase todos os delitos e pelo fato do autor não fazer referências, em nenhum momento, às suas características ou costumes. A única vez em que os negros aparecem formando a sociedade mineira é para a dar a esta, juntamente com outros elementos formadores, "um aspecto de meio-humana e meio-bruta"<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v. 2., p. 207.

Para elucidar melhor a imagem do negro, encontrada na obra de Diogo de Vasconcelos, é preciso analisar o termo escravo. Diante de informações pouco significativas das relações temáticas e das qualificações, privilegiou-se somente a rede de ações verbais. Nesta, os escravos efetuam poucas ações: custavam dinheiro; eram forçados ao trabalho das minas, seveciados pelas tarefas e mal alimentados; matavam os seus senhores; aproveitavam do tumulto para fugir, sabiam conspirar e organizar conspirações, como a da Bahia em 1835, e entravam e saíam da cadeia, à mão dos senhores. Já a rede de ações, exercidas por outros agentes sobre os escravos, só corrobora as informações já contidas na rede de "ações sobre" do termo "negros", não acrescentando nenhuma outra.

## **OS PORTUGUESES**

Esperando maior abrangência da apreensão do elemento português nas obras analisadas de Diogo de Vasconcelos e a sua importância para a formação do povo brasileiro, optou-se por adotar como equivalentes de português, brancos e europeus. As qualificações obtidas são "facinorosos brancos", "português aventureiro", "degenerado português", "bom português anafado"<sup>23</sup>. O elemento branco só é caracterizado como criminoso ou degenerado quando comete algum delito, e isto só acontece ao estar acompanhado de mestiços. No entanto, a rede de ligações temáticas é bastante ilustrativa ao mostrar que os "portugueses" associam-se a população indígena, paulistas, negros, mamelucos, corte, traficantes, Guerra dos Emboabas, -expedições para o sertão, rei e inúmeras figuras ilustres de ascendência portuguesa.

---

<sup>23</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. p. 17, 37, 80 e 220.

Enquanto se opõem a franceses, extermínio de índios, espanhóis, rebeldes insurretos e paulistas.

A rede de ações apresenta os portugueses como o mais importante e numeroso contingente; aspiravam voltar à pátria quando feito o seu cabedal; apreciavam as pedras preciosas; representavam um número comparativamente pequeno em relação às outras raças; conseguiram manter o seu poder porque os negros vieram para o Brasil embaralhados e numa mesma localidade se encontrar negros de várias nacionalidades. Segundo Diogo de Vasconcelos, os portugueses só conseguiram manter a integridade do território e expulsar os invasores franceses e holandeses, "graças ao elemento indígena e aos grandes homens que saíram de seu sangue"<sup>24</sup>. As outras referências aos portugueses dizem respeito à nacionalidade de pessoas ilustres do Brasil.

## **A COROA PORTUGUESA**

A "coroa", em Diogo de Vasconcelos, é caracterizada como pobre, sem riquezas e exausta de meios. Está associada às riquezas da colônia, ao descobrimento, a Manuel Nunes Viana e a um governo forte. Entretanto, opõe-se à capitania acéfala, colônia, federação de distritos fundidos, abusos de autoridade, forais particulares e empreendimentos.

Segundo a sua rede de ações, coroa erigiu um governo forte na Bahia; agia como integrador comum, cimentando pedaços; estava sem recursos e poder para arcar com os empreendimentos da exploração da colônia; era defensora de seus súditos contra abusos de autoridade, queria aumentar suas receitas; era comparada a

---

<sup>24</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. p. 23.

Manuel Nunes Viana, que salvou vidas e bens de seus compatriotas. Assim, pode-se afirmar que a coroa portuguesa, apesar de não possuir muitos recursos, era responsável pelas punições dos abusos cometidos na colônia, repressão aos extravios do ouro e defesa de seus subordinados. Enfim, era a coroa portuguesa, com todas as suas dificuldades, responsável pela unidade e integridade do território colonial.

Enquanto a coroa tem como característica a escassez de recursos, a corte é luxuosa, habilidosa, ávida de ouro, mas ameaçada pela mesma ruína financeira que assola a primeira. A sua rede de ações revela uma corte cercada de numerosa clientela; que gozava de influência perante ao Rei; via como salvação o território do reino; recebia donativos provenientes da cobrança dos quintos e se alarmou na crença de extinção das minas de lavagens.

## **PORTUGAL**

O termo "Portugal" é qualificado como "nação colonizadora por excelência"<sup>25</sup>, "sociedade antiga de costumes feudais, onde se respeitava e venerava os nobres"<sup>26</sup>. Está associado à descoberta de riquezas, Península Ibérica, restauração do trono de Portugal em 1640, crise religiosa, aventureiros que chegavam às Minas, degredados que ficaram no Brasil em 1500, posse da colônia do Sacramento, taxas, ouro e jazidas minerais. A grande parte das associações está relacionada à descoberta de ouro no Brasil e à importância que este tinha para Portugal. Outro fator importante, nestas associações, é a Restauração de Portugal em 1640, quando Portugal volta a ser uma nação independente do jugo espanhol, restabelecendo a pátria e os sentimentos

---

<sup>25</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v1.,p. 129.

<sup>26</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 99.

nativistas.<sup>27</sup> O termo Portugal ainda está vinculado a inúmeras genealogias de pessoas ilustres no Brasil, que tinham parentes em Portugal ou lá tivessem nascido ou casado. Ao traçar a ascendência dos pioneiros de nosso povoamento, Diogo de Vasconcelos revela uma vertente aristocratizante de sua obra.

Quanto à rede de ações, Portugal recebeu os primeiros informes das riquezas mineiras; fez renascer a pátria e incitou os melhores sentimentos a bem da causa pública; estava empenhado no descobrimento das minas de ouro e prata com aparato; deixou-nos a sua religião, a sua língua, o seu caráter; aliou-se à Inglaterra, Áustria e Holanda; cedeu à Espanha a colônia do Sacramento em troca do território das missões; tinha em algumas autoridades do Brasil o seu braço direito; teve grande parte de sua população transplantada para as Minas e estava com seus domínios em plena decadência.

### **A METRÓPOLE**

Em relação à "metrópole" a única rede que oferece algumas informações é a das ações. Nela, o Brasil passou a participar no equilíbrio da metrópole, isto é, de Portugal e destaca-se a contribuição da capitania de Minas para salvá-la da miséria financeira e não despedaçar a colônia. Vasconcelos observa que, segundo o interesse da metrópole, havia três tipos de colônias: colônias políticas, feitorias e colônias fazendas. Um outro emprego do vocábulo designa metrópole como a maior ou mais importante povoação de uma região, assim, Serro é a mais bela metrópole do norte.

---

<sup>27</sup> VASCONCELOS, *op. cit.* v.1., p. 69.

## A COLÔNIA

O termo "colônia" possui a qualificação de decadente e empobrecida, sempre fiel e inimigo inflexível do jugo estrangeiro. Está associado a um governo forte, Fernão Dias Paes Leme, Portugal, descobrimentos, bandeirantes e tráfico de escravos.

Pela rede de ações, observa-se que a colônia tinha como necessidades a construção de um governo forte para reprimir a guerra dos índios e incentivou os descobrimentos de novas jazidas, já que se encontrava decadente. Os bandeirantes a supria com alimentos e construíam templos e conventos. Além destes, os paulistas e os degredados, que ficaram no território brasileiro em 1500, auxiliavam na defesa e descoberta de novas colônias. O Brasil não poderia ser colonizado se não fosse a escravidão, que constituiu-se no primeiro passo da ordem civil, desta forma, os escravos tornaram-se essenciais à colônia e por isso não se podia proibir o tráfico. Diogo de Vasconcelos classifica as colônias em três tipos, de acordo com os interesses da metrópole: colônias políticas, que faziam parte integrante da metrópole e espontaneamente continuavam a nacionalidade da metrópole; colônias fazendas, em que a metrópole se estabelecia para explorar os produtos que não eram cultivados no seu clima, e por último as feitorias, que eram fundadas para o comércio em terras de soberania diversa. Diante dessa tipologia ele afirma que as Minas eram uma mistura de colônia política e colônia fazenda.<sup>28</sup> A colônia reedificou Lisboa destruída por um cataclisma. Os vadios eram um elemento necessário para o povoamento e defesa das colônias em Minas. A rivalidade entre portugueses e franceses colocou a colônia em pé de guerra, exterminando muitos índios.

---

<sup>28</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v. 2, p. 122.

Além de considerar o Brasil como um todo como uma colônia de Portugal, encontra-se o autor referindo-se as várias colônias edificadas no interior do Brasil. Assim, há a colônia da Bahia, a que deu origem à cidade de Taubaté, a do Rio das Velhas, de Montes Claros, uma vez que o autor chega a afirmar que para improvisar uma colônia era muito fácil, bastando o policiamento; desta forma, tantas pátrias assim se criavam quanto as colônias.<sup>29</sup>

### A NAÇÃO

O termo "nação" aparece caracterizado por grandes nações indígenas, grandes nações, nação mais adiantada, colonizadora por excelência, temível, organizada, heróica nação, ferocíssima, nações Angola e Mina, nações de índios, dos botocudos, dos puri, dos cataguá e estrangeira. Pressupõe-se que Diogo de Vasconcelos emprega o termo nação para referir-se àqueles povos que já tinham uma longa tradição, língua e costumes comuns. O Brasil, ao que parece, não constituía ainda uma nação, no período estudado, já que o autor não se reporta a ele, em nenhum momento, como tal.

Na rede de associações, a "nação" está vinculada a impérios opulentos, cidades imensas, povos industriosos, civilização antiquíssima, tribos belicosas da bacia amazônica, guerra, jesuítas, riquezas das minas, compra e venda de escravos e rei de Portugal. Há uma predominância dos índios, que tinham na guerra uma forma de dividir as nações, e dos africanos, dos quais se comprava tribos e nações inteiras; e a sorte dos senhores consistia em existir em uma mesma casa negros de diferentes nações, que eram inimigas entre si e queriam o domínio de uma sobre as outras. Uma ideia também presente é a de que as nações mais organizadas se sobrepunham às

---

<sup>29</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v. 2., p. 14.

outras. O autor destaca a importância dos jesuítas para a colonização, uma vez que estes estimularam o espírito católico das nações indígenas, e sem isto o Brasil não seria nosso. Além de legitimar o rei como proprietário das Minas, recorrendo a tempos imemoriais, isto é, ao fato das minas, nas mais antigas nações, pertencerem à coletividade, personificada no Estado.<sup>30</sup>

Acredita-se que a visão de Diogo de Vasconcelos sobre a nação remonta a civilizações já com uma certa história, língua e costumes comuns e que este não se aplica ao Brasil, recentemente povoado por uma mistura de tão diferentes povos.

## **A PÁTRIA**

Analisando as redes de relações de "pátria" pode-se perceber que a rede de qualificações restringe-se a primitiva, morimbunda, esquecida. Designações vinculadas à pátria indígena, especificamente, a tupi.

Na sua maioria, o termo associa-se aos primeiros acontecimentos em Minas Gerais, isto é, aos descobridores da terra e de suas riquezas como Lucas de Azevedo, que descobriu o primeiro diamante e Fernão Dias, o fundador da pátria mineira; as primeiras famílias e pontos geográficos importantes na ocupação do território mineiro como o Itacolomi, que atraiu os fundadores, e a Itatiaia, que separa o rio das Velhas do rio Doce. Outro elemento considerável nesta rede de relações é Portugal, com a sua restauração em 1640, com o interesse pelo oriente e como local indicado para o ócio e para se gastar os cabedais adquiridos, além de surgir como "nossa mãe Pátria"<sup>31</sup>. As outras associações encontradas referem-se ao local de nascimento, às

---

<sup>30</sup> VASCONCELOS *História antiga das Minas Gerais*, v. 2., p. 92.

<sup>31</sup> VASCONCELOS. Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v. 1.p. 129.

"pequenas pátrias", se assim pode-se chamar o Rio de Janeiro, Pernambuco, Ilha de São Miguel, São Paulo, etc.

A rede de ações fornece uma maior elucidação das informações apresentadas acima. Encontram-se referências acerca dos homens possantes que fundaram a nossa pátria, os paulistas, dos quais descendem grande parte das ilustres famílias mineiras. Ressalta-se também uma conceituação do termo "pátria" num trecho sobre a luta entre paulistas e reinóis, no qual Diogo de Vasconcelos observa que naquele tempo não havia ainda esta "ideia abstrata e consolidada de pátria, que hoje nos congrega acima dos horizontes visuais, e dos sentimentos naturalistas"<sup>32</sup>. Algumas vezes, ele utiliza este conceito ao referir-se à pátria portuguesa, mostrando que é necessário sacrificar-se por bem do rei e da pátria; assim, o capitão-mor Amador Bueno dizia que fazia a viagem para Minas por bem da pátria e Gomes Freire que prestava serviços ao rei e à pátria<sup>33</sup>. O autor também destaca que Portugal, ao restaurar o trono português em 1640, fazia renascer os melhores sentimentos a bem da causa pública. Vasconcelos critica o modelo de pátria, no qual durante a paz esta pertencia só aos nobres brancos e na guerra era de todos, negros, índios e mestiços.

## **OREI**

O "rei" em *História antiga das Minas Gerais e História média das Minas Gerais* é qualificado como soberano mais pobre da Europa, mais ávido de ouro que comprometido em seus deveres, beato e sensual, cristianíssimo, bom rei, desgostoso, pressuroso de tais descobrimentos, faustoso, sempre descontente, chefe supremo

---

<sup>32</sup> VASCONCELOS. Diogo de *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. v. 2. p. 14.

<sup>33</sup> VASCONCELOS. *Op. cit.* p. 82 e 94.

velho. Características que em alguns pontos são até contrastantes, mas descrevem vários reis que passaram pelo trono português no período estudado por Diogo de Vasconcelos, de Felipe II a D. João V. Contudo, há uma ideia comum, na qual o rei pobre está sempre ligado ao descobrimento de ouro no Novo Mundo.

O "rei" opõe-se ao rei da Espanha e outros reis da Europa, fidalgos, abusos e crueldades contra os índios, Luís César, omissão ao dever e paulistas e associa-se ao Marquês de Minas, pedras preciosas, empenho dos descobrimentos, selvagem obscuro, datas, direitos e deveres, colônia do Sacramento, dízimos, terras à margem do Rio São Francisco, bispado de Mariana, governadores, cobrança dos quintos, generalização escandalosa dos extravios, Gomes Freire, coletividade, Conde de Assumar, terras dos índios, Marquês de Pombal, reconquista, vilas mineiras e Europa.

A rede de ações revela um rei endividado, dentro e fora do reino, que gastou tudo para sustentar suas armadas, restando-lhe somente títulos, honras, mercês e carta escrita a próprio punho a conceder como recompensa a seus súditos pelos trabalhos prestados. Porém, este rei mantinha a colônia em ordem, impedindo a entrada de estrangeiros, reprimindo os revoltosos, edificando um governo forte na Bahia, promulgando os casos em que os índios poderiam ser escravizados e intervindo como podia no poder local. Contudo, a ação que predomina é a de cobrar impostos, uma vez que tinha o poder absoluto para lançá-los, diante disso, recomendava meios mais suaves de fazer a cobrança ou exigia reformas neste setor. Considerou-se lesado com a cobrança das casas de fundição, pois via a cada ano crescer a mineração e os quintos continuarem estacionados e legitimava a cobrança dos quintos por ser este a

porção senhorial que lhe cabia pelo exercício de seu domínio. O rei vai aplicar ainda medidas aos negros, proibindo alforrias na região das Minas e mandando que os criminosos fossem sentenciados, para servir de exemplo. Este também aparece como protetor e elemento mais justo da colonização, já que atenuava a sentença dos acusados, preferia o prejuízo dos seus impostos ao bem estar dos seus e contentava-se somente com 12% do que era explorado, mostrava como seriam valiosos os serviços prestados à pátria, despertando sentimentos nativistas, personificava a coletividade, a indenpendência e a nação.

As ações exercidas por terceiros mostram que muitas pessoas ilustres da colônia iam perante ao rei solicitar auxílios e privilégios, outras comunicavam ao rei todos os acontecimentos, seja pessoalmente ou por ofício; pediam pela atenuação da escravidão dos índios, pela aplicação de castigos mais severos aos negros, recomendavam medidas repressivas e solicitavam até o fim dos trabalhos nas minas. Os habitantes das Minas, porém, só conheciam o rei através dos seus impostos, mas por ele faziam qualquer sacrifício.

Desta forma, o rei possui várias faces nas obras estudadas de Diogo de Vasconcelos. De acordo com a análise que se realizou, aluando ao nível da palavra, predomina a imagem de uma rei que cobrava uma quantia bem menor de impostos do que era exigida pelas autoridades no início da República e, sobretudo, protegia a colônia e a tirava da desordem.

## **HISTÓRIA**

O termo "história" está associado a governador das esmeraldas, bandeirantes, indígenas, Portugal, descobrimento de Ouro Preto, paulistas, vida do clero, negros, Revolta de Vila Rica, movimentos sediciosos, Tiradentes e Inconfidência Mineira.

Nessas associações predominam a vinculação entre história, paulistas e bandeirantes, precursores da história de Minas Gerais.

À rede de ações aponta algumas ideias do autor sobre a história e a sua escrita. Aquela por ser uma viagem ao passado "há de ser vista como foi"<sup>34</sup>, já que não é a mesma história escrita por Heródoto com a finalidade de ser recitada ao ar livre. Assim, ela guarda memórias preciosas, mas não pode ser conhecida aos pedaços. Diogo de Vasconcelos chega a ter uma visão pejorativa da história, mostrando que essa prende-se em incertezas, confusões, não chega a acordos. Possui muitas palavras que desencaminharam o bom senso, como a imagem de criminosos criada acerca dos degredados que chegaram ao Brasil em 1500, além de ser preconceituosa, uma vez que se fosse o quilombo de Palmares de brancos, a história os teria como heróis.

A história, também, legitima alguns fatos importantes para a trajetória do território de Minas Gerais. Desta forma, os paulistas sempre sacrificaram os seus bens e a própria vida, a estrutura administrativa de Minas foi desde o início fenómeno original, a Inconfidência Mineira foi fato culminante de nossa história, momento de transição entre duas eras.

## **BRASIL**

Na obra de Diogo de Vasconcelos encontra-se a palavra "Brasil" associada a um Portugal pobre; ao governador geral; aos tupi; jesuítas; origens do povo mineiro; aventureiros que vinham para as Minas; descoberta do ouro; instituição do bispado e

---

<sup>34</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 324.

vilas mineiras. Enquanto se opõe a jugo estrangeiro, holandeses e imigrantes. Na rede de oposições, observa-se a presença destes mesmos elementos na rede de oposições de "Portugal". Diante de tal coincidência, especula-se que colônia e metrópole tinham inimigos em comum e este era, pelo menos, um ponto de ligação entre elas.

A rede de ações mostra um Brasil cujos interesses não chegavam a um acordo com o jugo estrangeiro, participante do equilíbrio financeiro da metrópole e por isso sobrecarregado. Teve a integridade do seu território garantida graças aos jesuítas que estimularam o espírito católico entre as nações indígenas. Foi o local onde se escravizavam os índios ou os tinha como administrados e o rei governava diretamente as minas sob o título de grão mestre da ordem de Cristo. Vasconcelos faz alusão à Proclamação da República, dizendo que o Brasil não estava preparado, em 1889, para tão radical transformação.

Na rede de "ações sobre" obtém-se as seguintes informações: comerciantes estrangeiros frequentavam a colônia e negociavam com os indígenas; o sertão do Brasil eram as esperanças dos reis de Portugal; os imigrantes, que o povoaram, macularam o berço de nossa pátria e Minas Gerais surge como fonte de riquezas que sustenta o país e até mesmo o reino.

## **TERRITÓRIO**

O vocábulo "território" está associado ao aniquilamento dos cataguá, aventureiros, Carmo, Ouro Preto e Sabará; Itacolomi, corte, extravio de ouro, Anhanguera e bandeiras.

O objetivo de Diogo de Vasconcelos é reviver o descobrimento das minas e a memória dos primeiros povoadores do nosso território. Assim, a rede de ações efetuadas por "território" informa que este se converteu em refugio para infelizes; ficou povoado em sua maioria por paulistas e refugiários do litoral; abriu-se de lado a lado, surgindo as povoações. Enquanto a rede de "ações sobre" mostra o primeiro descobridor e o primeiro homem de ciência que penetrou no território de Minas; Fernão Dias como responsável pela extensão do território de minas e pelos primeiros lares de nossa civilização. Aglomeravam-se em Minas povos de todas as procedências que se atiravam nas minas sem lei nem autoridade; Vila do Carmo, Ouro Preto e Sabará foram os pontos pelos quais se difundiu o povoamento de Minas; o Itacolomi foi o farol da conquista e da posse em todo território; jesuítas tiraram dos indígenas, "homens superiores que salvaram a unidade do território e do catolicismo"<sup>35</sup>. Há ainda referências aos territórios de São Paulo e Bahia e outras que dizem respeito à anexação ou não de um território a uma capitania.

## **PAULISTAS**

Optou-se por utilizar como equivalente de "paulistas" o termo "bandeirantes". Estes são qualificados como audaciosos, cavaleiros andantes, ignorantes em matéria de mineração; menos sequiosos de ouro e ansiosos.

A rede de ações de "paulistas" mostra que estes desejavam reunir o sertão à sua pátria, por isso organizavam expedições para descobrir novos territórios em busca de jazidas; liam a história e conheciam as proezas de seus predecessores; desejavam fazer por si sós os descobrimentos; trabalharam sacrificando os bens e a vida, sem outra mira que não a generosidade do rei; fizeram grande fortuna escravizando índios

---

<sup>35</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 111.

e prendendo negros e não foram bandeirantes na genuína extensão da palavra os descobridores, por não subirem armados de privilégios. Foram os responsáveis pelo triunfo em Minas dos elementos conservadores<sup>36</sup> e transmitiram ao povo mineiro a honestidade. Encontra-se, nas obras analisadas de Diogo de Vasconcelos, várias genealogias de famílias mineiras com ascendência paulista.

## **MINEIROS**

A princípio o adjetivo "mineiro" está relacionado a rios que cortam a região das minas, especialistas em mineração que são contratados para ajudar na extração do ouro ou os simples mineradores que extraíam o ouro de forma desordenada. Depois, ao falar da raça goiana, Diogo de Vasconcelos observa que ela foi a primeira a participar da mistura do povo mineiro, o adjetivo aparece, então, caracterizando o povo que viveu na região onde foram descobertas as minas; ainda em relação ao povoamento, o adjetivo refere-se também ao território mineiro que ficou povoado demasiadamente de refugiados do litoral e do recinto de São Paulo; a Pedro Silva que nasceu na Vila do Carmo e outros que nasceram em Vila Rica. Foram os homens instruídos e famílias bem educadas pelo Colégio Jesuíta, que salvaram o amor às letras e as virtudes domésticas na formação do caráter do povo mineiro Assim, os mineiros deveriam julgar os paulistas como colaboradores de sua glória; já que a eles deve-se a formação da casa mineira, cujo sangue generoso é o melhor de nossas veias.<sup>37</sup>

---

<sup>37</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v. 1, p. 207.

<sup>38</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 321.

### 3.4 Uma interpretação para a nação

Diogo de Vasconcelos foi um típico intelectual mineiro, católico, conservador e monarquista que escreve sobre a história de Minas Gerais, no início da período republicano. Este momento é muito significativo, uma vez que o novo regime, para o qual o autor afirma que o Brasil não estava preparado, concede aos estados maior autonomia, levando-os a criar mecanismos de ajuste à nova política. Minas Gerais, especificamente, passava por várias tensões internas, divisão das diferentes áreas económicas e das elites políticas, levando à transferência da capital para uma área neutra. Diogo de Vasconcelos, participante ativo da política do seu país, de repente vê a sua querida Ouro Preto sem o seu poderio político e a monarquia substituída por um regime totalmente laico. Acredita-se que esses aspectos, entre outros, levaram o autor a buscar na origem de Minas Gerais, no seu descobrimento e primeiros povoadores, episódios que poderiam legitimar o presente do território mineiro, restaurando a sua importância frente ao país.

De posse dos dados acima expostos e da análise de cada palavra-chave escolhida, tenta-se traçar o perfil da nação apresentada por Diogo de Vasconcelos em *História antiga das Minas Gerais* e *História média de Minas Gerais*. Estas obras tratam de um assunto específico num período determinado, a história de Minas Gerais desde o seu descobrimento até 1785, mas englobam assuntos que têm perspectiva nacional, como a visão dos elementos formadores, a relação entre colónia e metrópole, o povoamento do território brasileiro, a descoberta do interior do Brasil, etc.

Primeiramente, a concepção de Diogo de Vasconcelos acerca dos elementos formadores da sociedade brasileira é muito próxima da visão do IHGB, sintetizada

por von Martius em *Como se deve escrever a história do Brasil*<sup>38</sup>, na qual lançava a ideia de mistura das raças e o alicerce do mito da democracia racial.

Dessa forma, os índios foram os fiéis colaboradores da civilização que estava nascendo. Diogo de Vasconcelos chega a afirmar que sem eles nada seria a nossa história e foi com a ajuda deles que Portugal conseguiu manter a integridade do território brasileiro. Porém, os índios que tanto fizeram para a formação do nosso povo, não eram aqueles indígenas que viviam em seu estado natural, mas os educados e preparados pelos jesuítas. Além do jesuíta, o autor destaca o contato com o homem branco, a escravidão e as gueixas estrangeiras como fonte de novas ideias e de progresso, que contribuíram para tirar os indígenas do seu estado de selvageria.<sup>39</sup>

O fato de Vasconcelos apresentar, simultaneamente, trechos como os sintetizados acima e outros em que faz uma descrição dos costumes e da língua dos indígenas coloca em evidência a viabilidade de civilização e integração destes à cultura europeia. Concepção semelhante sobre os índios foi descrita, por Lilia Moritz Schwarcz, como pertencente aos membros dos institutos:

... a imagem do indígena era a de um elemento redimível mediante a catequese, que o tiraria de sua situação "bárbara e errante" para inseri-lo no interior da civilização entendida pelo instituto como processo eminentemente branco.<sup>40</sup>

Os portugueses surgem, então, como civilizadores que fizeram dos índios elementos capazes de atuar em nossa história. Diogo de Vasconcelos resgata até os

---

<sup>38</sup> MARTIUS. *Revista do IHGB*, 1845.

<sup>39</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 38.

<sup>40</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 112.

degradados que ficaram no Brasil em 1500, uma vez que foram estes os responsáveis pela defesa e comunicação dos donatários, e declara que esses não passavam de imigrantes inofensivos, vítimas da legislação de sua época, fundada no conceito teológico da culpa, na qual confundia-se crime com pecado e comportamento social com religioso.

Um outro fator que ilustra a influência branca, porém somente na formação da sociedade mineira, são os paulistas incorporados à figura do bandeirante, com seu espírito aventureiro e empreendedor, sacrificando os bens e a vida nos descobrimentos com o único objetivo de obter a generosidade de um rei. Eles foram responsáveis pela preservação dos elementos conservadores em Minas Gerais, pela introdução da honestidade e pela preservação dos bons costumes em meio à desordem dos primeiros anos. Assim, foram fiéis colaboradores na formação do povo mineiro, sendo seu sangue o "melhor de nossas veias"<sup>41</sup>.

Quanto ao negro, Diogo de Vasconcelos parece ter uma visão depreciativa, pois quando refere-se a ele como membro da sociedade mineira, o faz juntamente com outros elementos formadores, atribuindo-lhe um aspecto meio humano e meio bruto. Mesmo aceitando o fato de que os negros eram originários de nações avançadas da África, Diogo de Vasconcelos os culpa pela maioria dos crimes cometidos e pela organização de conspirações. O autor somente reconhece a importância do escravo como mão-de-obra necessária à efetivação da colonização, que vai de encontro à imagem do negro como obstáculo ao processo de civilização difundido pelo modelo de von Martius.

Para identificar qual era a imagem de Portugal que se queria legitimar com a

---

<sup>41</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 321.

história de Minas Gerais e conseqüentemente a relação entre metrópole e colônia, Diogo de Vasconcelos considera Portugal como "nação colonizadora por excelência"<sup>42</sup>, interessado nas riquezas do Brasil, e sabendo utilizar dos jesuítas, índios e paulistas para efetivar a colonização. Para o autor, Portugal conseguiu vencer todas as dificuldades na colonização e deixar suas marcas no povo brasileiro, ideias que são sintetizadas no trecho seguinte:

São homens e fatos que falam mais alto que as declarações contra a nossa Mãe-Pátria. Nação colonizadora por excelência, Portugal deixou-nos a sua religião, a sua língua, o seu caráter dominante; e o sangue, que nos aquece, é o mesmo sangue que as tradições e a história proclamou pelo mais generoso do recinto cristão.<sup>43</sup>

Desta forma, não há uma ruptura entre Brasil e Portugal, mas uma continuidade, um modelo de nação brasileira espelhado na nação portuguesa, no qual a história antes do povoamento português é desconsiderada. Esta continuidade é também percebida quando o autor refere-se à coroa, ao rei e à metrópole. Estes são caracterizados como sem recursos financeiros, entretanto, eram capazes de conter a desordem na colônia, punir os abusos de autoridade e proteger os colonos. O rei, apesar de ser conhecido pelos mineiros apenas pela cobrança de impostos, despeitava neles nobres sentimentos a ponto de fazerem qualquer sacrifício em nome de sua pessoa. A cobrança de impostos feita pelo rei é ainda legitimada, por Diogo de Vasconcelos, como sendo bem menor que a quantia exigida pelas autoridades no início do século.

O Brasil, então, passou a representar a única esperança da metrópole empobrecida. Minas Gerais é vista até com certo orgulho, por Diogo de Vasconcelos,

---

<sup>42</sup> VASCONCELOS. *História antiga de Minas Gerais*, v.1, p. 129.

<sup>43</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais* v. 1, p. 129.

ao salvar a metrópole da miséria e contribuir para não despedaçar o Brasil<sup>44</sup>. A capitania é considerada uma mescla de colónia política e colónia fazenda e a própria tipologia estabelecida por Vasconcelos<sup>45</sup> permite afirmar que mesmo sendo explorada, Minas continuava, espontaneamente, a nacionalidade portuguesa, desfrutando das formas republicanas de município.

Outro aspecto importante na construção da nação feita nas obras estudadas é a função atribuída a Minas Gerais e a São Paulo na história do Brasil. O primeiro sustentou tanto a metrópole quanto à colónia com as suas riquezas e o segundo desbravou o sertão, propiciando a descoberta de jazidas de metais e pedras preciosas, e a colonização no interior do Brasil. Ao estabelecer a importância de São Paulo e Minas no cenário nacional e ressaltar que a origem de Minas, de seu conservadorismo, honestidade e amor às letras estavam associados aos paulistas, Diogo de Vasconcelos uni as duas regiões. E este mais um aspecto que aponta semelhanças entre o seu modelo de identidade nacional e o de von Martius:

... deve o historiador patriótico aproveitar toda e qualquer ocasião afim de mostrar que todas as Províncias do Império por lei orgânica se pertencem mutuamente, que seu propicio adiantamento só pode ser garantido pela mais íntima união entre ellas. Justamente na vasta extensão do paiz, na variedade de seus productos, ao mesmo tempo que os seus habitantes tem a mesma origem, o mesmo fundo histórico, e as mesmas esperanças para um futuro lisongeiro, acha-se fundado o poder e grandeza do paiz.<sup>46</sup>

É impressionante ainda como a obra é assolada, altemadamente, por pensamentos ultra-reacionários, como o de que a escravidão, as guerras e o contato com o homem branco foram uma escola de ideias avançadas para os indígenas; e outros, totalmente, inovadores, como narrar a participação intensa de uma mulher

---

<sup>45</sup> VASCONCELOS. *História média de Minas Gerais*, p. 50.

<sup>46</sup> VASCONCELOS. *História antiga das Minas Gerais*, v. 2, p. 122.

<sup>47</sup> MARTÍUS. *Revista do IHGB*, p. 402.

num motim e considerar como protagonistas da história mineira, ou pelo menos de seus conflitos, índios, negros, portugueses, fazendeiros, comerciantes, aventureiros, salteadores e vadios. Essa dualidade do pensamento do autor, talvez, seja fruto da complexidade do momento em que ele escreveu, no qual ideias conservadoras e liberais disputavam o mesmo espaço e um novo regime consolidava-se, e do fato de *História média de Minas Gerais* ser somente publicada em 1918.

#### IV. CONCLUSÕES

A análise realizada permite afirmar que se encontram, em *História antiga das Minas Gerais e História média de Minas Gerais* de Diogo de Vasconcelos, elementos influenciados pelo projeto de construção de uma identidade nacional proposto pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sistematizado por von Martius em *Como se deve escrever a história do Brasil*. Entre esses elementos, destaca-se a importância atribuída a cada uma das raças na formação do povo brasileiro: o índio como um elemento passível de ser civilizado através da educação jesuítica e da adoção da cultura europeia; a raça branca como conquistadora e civilizadora e os negros como força de trabalho que possibilitou a colonização. Assim, como um bom conservador, Diogo de Vasconcelos teria contribuído para a manutenção do *status quo*, estabelecendo, em suas obras, papéis bem definidos. Além desse aspecto, a imagem que é passada acerca do rei, da coroa e da metrópole revelam um certo respeito a Portugal e ao rei, estes souberam vencer a falta de recursos e as adversidades encontradas no Brasil, colonizando o território.

Acredita-se, então, que os contornos da nação, traçados pelo autor mineiro, apontam para um modelo de identidade nacional, no qual há uma continuidade dos valores portugueses, incorporados aos paulistas bem educados nos colégios jesuíticos, e para uma imagem da sociedade mineira que deve as suas especificidades aos primeiros povoadores paulistas e portugueses.

O autor ao descrever as origens mineiras, o faz associado ao empenho e ao espírito aventureiro dos paulistas, homens nobres, educados pelos jesuítas, responsáveis pelo povoamento e pela preservação da moral e dos bons costumes. Desta forma, traça-se uma ligação entre Minas Gerais e São Paulo, estabelecendo

novamente, uma associação ao projeto de von Martius, uma vez que estabelecia como objetivo a ser alcançado pela história regional, a integração de duas ou mais capitanias em torno de uma mesma história. Fato que é ainda mais relevante quando se observa que no início do período republicano, estes dois estados revezavam a liderança política do país.

Quanto ao debate sobre a interpretação da realidade brasileira, do qual participavam Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Afonso Celso, Diogo de Vasconcelos parece assemelhar-se mais a um modelo anterior de construção da identidade nacional inspirado no IHGB do que ao projeto destes intelectuais que também discutiam a identidade nacional brasileira no início da República. Diante disso, a hipótese acredita mais plausível seria aquela que inserisse o intelectual mineiro como representante de outra geração, enraizada no regime monárquico e nas origens do IHGB. No entanto, pode-se encontrar em *História antiga de Minas Gerais* e *História média de Minas Gerais* trechos influenciados pelo evolucionismo, tão em voga neste período e outros que revelam o abandono do aspecto elitista, característica marcante da historiografia produzida pelos membros do IHGB.

Contudo, o método de análise utilizado restringe-se ao nível da palavra, não abrangendo as ironias e as ideologias encontradas no discurso como um todo. Desta forma, ao lado desta história que vê na sociedade brasileira uma uniformidade e exalta os valores portugueses, há fatos, que não foram englobados pelo estudo realizado e colocam em discussão todas as afirmações acerca do modelo de nação que acredita ser esboçado por Diogo de Vasconcelos.

O autor aponta, em alguns trechos de sua obra, vários setores da sociedade mineira, lutando contra a cobrança de impostos sobre a exploração do ouro, dedica páginas inteiras à Guerra dos Emboabas e à Revolta de Felipe dos Santos, além de

apresentar um capítulo intitulado "Motins do Sertão", no qual mostra a capitania de Minas Gerais não se submetendo, facilmente, às vontades da metrópole. Neste capítulo, o autor narra um motim liderado por uma mulher, D. Maria da Cruz, e seu filho, sendo esta perdoada pelo rei de um crime de lesa-majestade, a pedido de pessoas ilustres da colônia. Cabe lembrar ainda que, para o autor, a Inconfidência mineira é o marco divisor de duas eras que merecia ser tratada à parte.

Ao avaliar a importância destes conflitos, encontra-se uma lacuna no trabalho realizado: como estes se enquadrariam no projeto de nação do intelectual mineiro? As tensões existentes entre os diferentes setores da sociedade reafirmam tudo o que foi dito, anteriormente, mostrando que eram nestes episódios, que todos os elementos formadores da sociedade participavam igualmente de suas questões, que na guerra a pátria pertencia a todos: brancos, negros e índios; ou estes conflitos contradizem o que foi exposto acima, revelando uma sociedade, na qual não se aceitava as resoluções da metrópole e se vivia em constante atrito. Responder a esta questão torna-se inviável no momento, uma vez que não se dispõem de dados suficientes para fazê-lo, mas essencial para realmente se definir a identidade nacional traçada por Diogo de Vasconcelos.

Todas as observações feitas confirmam a complexidade da obra de Diogo de Vasconcelos e a necessidade de novos estudos que revelem a sua importância como escritor, político e representante de uma geração envolvida, intensamente, com o regime monárquico e que vive a transferência para o regime republicano.

V. ANEXO: QUADRO DE RELAÇÕES ESTABELECIDAS PELO TERMO "ÍNDIOS" EM *HISTORIA ANTIGA DAS MINAS GERAIS* DE DIOGO DE VASCONCELOS

| REF. | QUALIFICAÇÃO      | ASSOCIAÇÃO                        | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE   | AÇÃO SOBRE  | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|-------------------|-----------------------------------|----------|---|---|-------------|------------|
| 49   |                   | estrangeiros                      |          |   | freqüentavam o Brasil e comercializavam com os índios                     |             | H.A.M.G. I |
| 49   |                   | mineiros                          |          |   | pensavam que o rei repartiria com eles as minas e os índios               |             |            |
| 49   |                   | sistema de relações com os índios |          |   | foi o de senhoriagem exerciada em crescente crueldade                     |             |            |
| 50   |                   |                                   |          | eram facilmente amolgados à vida civil                                      |   |             |            |
| 51   |                   | governo forte                     |          |   | necessidade da colônia para reprimir a guerra dos índios                  |             |            |
| 52   |                   | tradição das esmeraldas           |          | pela observação da vestimenta e do preço que os brancos devotavam às pedras |   |             |            |
| 54   |                   |                                   |          |   | apesar dos índios, a comitiva só podia contar com 12 companheiros seguros |             |            |
| 55   |                   | Padre Navarro                     |          |   | arrebanhou grande número de índios para os aldeamentos dos jesuítas       |             |            |
| 55   |                   | notícias do sertão                |          |   | sempre confirmadas pelos índios que chegavam                              |             |            |
| 56   |                   |                                   |          | descendo do Arassuaí, e sabendo que os europeus estimavam as pedras         |   |             |            |
| 63   | índios insurretos |                                   |          |   | famoso paulista alojou-se e foi combater os índios                        |             |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO | ASSOCIAÇÃO        | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE  | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|--------------|-------------------|----------|--|---|-------------|------------|
| 68   |              |                   |          | habituaados ao sertão  |   |             | H.A.M.G. I |
| 70   |              |                   |          |  | expedição composta por 25 canoas, 17 brancos e 150 índios                                 |             |            |
| 72   |              | Felix Jacques     |          |  | atacava e reduzia os índios do Paraíba  |             |            |
| 75   |              | Fernão Dias       |          |  | senhor de muitas aldeias de índios e grossos cabedais                                     |             |            |
| 76   |              |                   |          | aterrados com a deslealdade dos brancos, refugiaram-se no interior         |   |             |            |
| 76   |              |                   |          | Eram os goianá que melhor índole mostravam em sociedade                    |   |             |            |
| 82   |              |                   |          |  | vendo morrer a maioria de seus índios e escravos  |             |            |
| 100  |              |                   |          |  | temeu que sua gente fosse aniquilada, inferior em número e em armas dos soldados e índios |             |            |
| 101  |              |                   |          | abandonaram o Borba  |   |             |            |
| 101  |              | Rio das Velhas    |          |  | convivendo com os índios da região e gozando de estima entre eles                         |             |            |
| 102  |              | soldados e índios |          | sujeitos à disciplina e regime acaso mais duro que o da própria escravidão |   |             |            |
| 102  |              | soldados e índios |          | reduzidos aos próprios braços, consideravam-se fracos                      |   |             |            |
| 105  |              |                   |          |  | simples caçadores de índios   |             |            |
| 105  |              |                   |          |  | graças aos milheiros de escravos e índios sujeitos como servos da gleba nos aldeamento    |             |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO                  | ASSOCIAÇÃO  | OPOSIÇÃO   | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE   | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|-------------------------------|---|--|--|--|-------------|------------|
| 107  |                               |   | seculares<br>queriam<br>escraviza<br>ção<br>franca |  | padres queriam escravizar os índios por meio de aldeamentos                          |             | H.A.M.G. I |
| 107  |                               |   |  |  | achando-se com disciplina militar na guerra contra os índios e conhecendo os sertões |             |            |
| 107  | bárbaros índios<br>cataguases | Lourenço<br>Castanho                              |  |  | penetrou o sertão dos bárbaros índios cataguases                                     |             |            |
| 108  |                               |   |  |  | aventureiros audazes que penetraram em busca de índios                               |             |            |
| 108  |                               | Lourenço<br>Castanho                              |  |  | afeito à luta com os índios não temeu o embaraço que persuadia os outros             |             |            |
| 111  | índios insurretos             | tropa que saiu<br>de São Paulo                    |  |  | para debelar os índios insurretos do sertão do Rio Grande e Ceará                    |             |            |
| 117  |                               | desenhos<br>figurados de<br>eprfeição<br>relativa |  |  | em um estado mais adiantado que os índios em geral                                   |             |            |
| 119  |                               | linguagem dos<br>índios                           |  | toda vida em origem e admiravelmente expressiva  |  |             |            |
| 125  |                               |   |  |  | além desses índios reinou no sul de Minas a nação organizada dos cataguá             |             |            |
| 125  |                               | na guerra   |  | chamavam-se a si catu-auá e aos inimigos pixiauí |  |             |            |
| 126  |                               |   |  | foram os índios de todo ignoros e boçais         |  |             |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO         | ASSOCIAÇÃO                                 | OPOSIÇÃO                 | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE  | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|----------------------|--|--------------------------|--|---|-------------|------------|
| 127  |                      |  | extermínio usado nos EUA |  | a eliminação a ferro e a fogo dos índios, a escravidão foi relativamente humana |             | H.A.M.G. I |
| 129  |                      | luta dos nossos antepassados com os índios |                          |  | não foi, como se tem dito, uma estúpida carnificina atroz                       |             |            |
| 130  |                      |  |                          | moravam em ocas, que eram casas oblongas                               |   |             |            |
| 130  | nômades guerreiros e |  |                          | Não constituíam dinastias  |   |             |            |
| 131  | tupi                 |  |                          | eram os bons índios para os paulistas, massa própria para o tráfico    |   |             |            |
| 131  | carijós              |  |                          | foram os mais moldáveis à vida civil                                   |   |             |            |
| 132  |                      |  |                          | facilmente, retornavam ao tipo ancestral mais grosseiro e rudimentário |   |             |            |
| 132  |                      |  |                          | não formavam um elemento fraquíssimo se comparados ao europeu          |   |             |            |
| 134  |                      | rei  |                          |  | promulgou os casos em que os índios podiam ser escravizados                     |             |            |
| 135  | escassos e ariscos   |  |                          | afundaram longe no pego de sertões inóspidos                           |   |             |            |
| 135  |                      |  |                          | ficavam mais expostos  |   |             |            |
| 135  | índios mansos        | mamelucos                                  |                          | compunham as levas, eram os mais rancorosos perseguidores              |   |             |            |
| 138  |                      | desaparecimento dos índios                 |                          |  | foi fenômeno que teve muitas causas   |             |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO         | ASSOCIAÇÃO                             | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE  | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|----------------------|--|----------|--|---|-------------|------------|
| 138  |                      | tropa de aventureiros                  |          |  | composta em grosso de mamelucos e índios domésticos                       |             | H.A.M.G. I |
| 139  |                      |  |          | demoravam-se nas regiões tempo necessário para perpetuar o nome de seus efêmeros |   |             |            |
| 143  |                      | objeto dos conquistadores de São Paulo |          |  | foi o cativoiro dos índios desde o seu estabelecimento                    |             |            |
| 145  |                      | vendedores                             |          |  | contavam que não tendo achado índios quiseram buscá-los no Rio das Velhas |             |            |
| 147  |                      | aventureiros e caçadores de índios     |          |  | guiavam-se pelo pico das serras   |             |            |
| 147  | índios da nação puri |  |          | deram notícia do mais rico mananecial, o do Casca                                |   |             |            |
| 148  | índios ferozes       |  |          |  | pela impossibilidade de afrontar os índios ferozes                        |             |            |
| 148  |                      |  |          | não quiseram acompanhá-lo temendo os conquistadores do Vale do Sidotaua          |   |             |            |
| 150  |                      | aldeamento fundado por Fernão Dias     |          |  | convertido em centro de relações com os índios mansuetos                  |             |            |
| 157  |                      | gente ignora, sem coesão               |          |  | se ocupava nas correrias do sertão em busca de índios                     |             |            |
| 200  |                      |  |          | conheciam todo o país por onde viviam quase nômades                              |   |             |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO                | ASSOCIAÇÃO              | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE  | EQUIVALENTE | OBRA       |
|------|-----------------------------|-------------------------|----------|--|---|-------------|------------|
| 203  |                             | João Veloso de Siqueira |          |  | índio também e notável pela educação recebido no colégio dos padres |             | H.A.M.G. I |
| 229  | índios e seus derivados     |                         |          | não entravam em inventário   |   |             |            |
| 231  |                             | leis                    |          |  | não era a favor dos índios, cujos filhos não nasciam escravos       |             |            |
| 234  | de boa índole e medrosos    |                         |          |  | eram procurados nestas paragens                                     |             |            |
| 236  | índios selvagens            | negros                  |          | enchiam de sobressaltos as fazendas e povoações  |   |             |            |
| 236  | infelizes classes oprimidas | índios e negros         |          | tinham consigo e entre si, o seu maior inimigo   |   |             |            |
| 248  |                             |                         |          | tinham os prisioneiros a engordarem destinados aos festins   |   |             |            |
| 252  |                             | espécie de tartaruga    |          | que comiam quebrando-lhe a casca e as colhiam  |   |             |            |
| 125  |                             | advento dos europeus    |          |  | provocou grande abalo sobre a população gentílica                   | gentílica   |            |
| 118  |                             | massa indígena          |          | embrutecida pela própria natureza  |   | indígena    |            |
| 119  |                             |                         |          | invadindo e conquistando países tinham... por lei exterminarem os varões e conservarem as mulheres |   | selvagens   |            |
| 137  |                             | vida civil              |          |  | iniciou os selvagens na prostituição e no álcool                    | selagens    |            |
| 137  | selvagem domesticado        |                         |          | dava-se à preguiça, enfraquecia-se   |   | selvagem    |            |

| REF. | QUALIFICAÇÃO        | ASSOCIAÇÃO                                | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE   | EQUIVALENTE | OBRA        |
|------|---------------------|---|----------|--|--|-------------|-------------|
| 132  |                     | povoamento                                |          |  | se fez com gente de todos os estágios de civilização                                       |             | H.A.M.G. II |
| 207  |                     | europeus,<br>paulistas, índios,<br>negros |          | davam à sociedade um aspecto de meio-humana e meio-bruta     |  |             |             |
| 222  |                     | potentados                                |          |  | escravizavam os índios ou os tinha a título de administrados                               |             |             |
| 250  |                     | colégio dos jesuítas                      |          |  | os padres educavam os rapazes indígenas que revelavam aptidão de vontade                   |             |             |
| 14   | índios mansos       | comitiva de Spinosa                       |          |  | deve ter sido guiada pelos índios mansos que conheciam o país                              |             | H.M.M.G.    |
| 17   | índios domesticados |   |          | fugidos do litoral e também dos facinorosos brancos          |  |             |             |
| 18   |                     | degradados                                |          |  | misturavam-se com os índios do sertão, contribuindo para os tumultos que se debateu o país |             |             |
| 26   |                     | paulistas                                 |          |  | fizeram grande fortuna, escravizando índios e prendendo os negros                          |             |             |
| 26   |                     | captura dos índios                        |          |  | era proibida, estava nos costumes e era tolerada como indispensável aos serviços da roça   |             |             |
| 27   |                     |   |          | milhares de índios legal e previamente condenados à servidão |  |             |             |
| 29   |                     | guerras estrangeiras                      |          |  | trouxeram-lhes a noção de alianças e as idéias de solidariedade                            |             |             |
| REF. | QUALIFICAÇÃO        | ASSOCIAÇÃO                                | OPOSI-   | AÇÃO DE  | AÇÃO SOBRE   | EQUIVALENTE | OBRA        |

|     |        |  |     |  |  |           |          |
|-----|--------|--|-----|--|--|-----------|----------|
|     |        |  | ÇÃO |  |  |           |          |
| 33  |        | companhia do exército                      |     |  | que esteve a guerrear os índios  |           | H.M.M.G. |
| 38  | caiapó |  |     | não eram os mesmos selvagens de outrora, bestiais e ignoros                                  |  |           |          |
| 55  |        | bandoleiros                                |     |  | mescla de índio e negro semi-selvagens, que hoje se diria selvagens                      |           |          |
| 205 |        |  |     |  | mandava-se dar aos índios que viessem ao povoado se apresentarem à autoridade, vestuário |           |          |
| 206 |        | ordens de Sua Majestade                    |     |  | eram aliciar, civilizar e cristianizar os índios de seu domínio                          |           |          |
| 207 |        |  |     | acompanhavam servindo de língua e de defensores em qualquer emergência                       |  |           |          |
| 209 |        |  |     |  | organizou-se o aldeamento conservando-se os índios em seu regime natural                 |           |          |
| 340 |        | bandoleiros sertanistas ou índios          |     | se orientavam em rumo de qualquer parte do sertão  |  |           |          |
| 23  |        | episódios passados com nossos antepassados |     | houveram de cair quase em olvido quando a verdade é que sem eles nada seria a nossa história |  | indígenas |          |
| 23  |        | portugueses                                |     |  | venceram graças ao elemento indígena e aos grandes homens que saíram de seu sangue       | indígena  |          |

| REF. | QUALIFICAÇÃO              | ASSOCIAÇÃO   | OPOSIÇÃO | AÇÃO DE   | AÇÃO SOBRE   | EQUIVALENTE | OBRA    |
|------|---------------------------|--|----------|---|--|-------------|---------|
| 33   |                           | jesuítas   |          |   | preparou inúmeros homens notáveis inclusive indígenas de talento                           | indígenas   | H.M.M.G |
| 36   |                           | população indígena                                       |          | havia ali passado para cima do estado rudimentar graças as relações que mantiveram com fugitivos e vizinhos |  | indígena    |         |
| 38   |                           | contato com o europeu, guerras estrangeiras e escravidão |          |   | tiveram mais poder de lhes melhorar a situação aborígene que a simples evolução espontânea | aborigene   |         |
| 40   | indigenas mais adiantados |  |          | vestiam de modo simples mas desceute, conheciam o uso do algodão  |  | indígenas   |         |
| 40   |                           | tal condição (servidão)                                  |          |   | foi menos inditosa que a dos selvagens expostos à nudez e à fome, ou ao canibalismo        | selvagens   |         |

Abreviaturas utilizadas:

REF.: Referência, páginas.

H.A.M.G. I: *História antiga de Minas Gerais* v. 1.

H.A.M.G. II: *História antiga de Minas Gerais* v. 2.

H.M.M.G.: *História média de Minas Gerais*.

## VI. BIBLIOGRAFIA

### 6.1 Livros citados e/ou consultados

ALVES, Paulo. Perspectivas acerca do método e técnica de análise dos discursos. *História*, São Paulo, v. 2, p. 33-37, 1983.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BENDIX, Reinhard. *Construção nacional e cidadania: estudos de nossa ordem social em mudança*. São Paulo: Edusp, 1996.

BOMENY, Helena Bousquet. Cidade, república, mineiridade. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 30, a 2, p. 187-206, 1987.

\_\_\_\_\_. *Guardiães da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In: FAUSTO, B. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1978. t. III. v. 2. p. 93-319.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). *À margem da história da República*. Brasília: UNB, 1981.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS. *Seminário de Estudos Mineiros, V: A República Velha em Minas*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa/São Paulo: Difel/Bertrand, 1990.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Normas para apresentação à monografia de bacharelado*. Mariana: Editora da UFOP, 1990.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para Normalização de publicações técnico-científicas*. 4. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GIL, José. Nação. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: Estado-guerra. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1989. v. 14.

GOMES, Angela de Castro, FERREIRA, Maneta de Moraes. Primeira República; um balanço historiográfico. *Estudos Históricos* Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 244-80, 1989.

\_\_\_\_\_. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GRAMSCI, António. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1982.

\_\_\_\_\_. *Literatura e vida nacional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUIMARÃES, Manoel L. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. *Estudos históricos*, n. 1, p. 5-27, 1988.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

JOSÉ, Oiliam. *Historiografia mineira*. 2. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.

LAMOUNIER, Bolívar. Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República: uma interpretação: In: FAUSTO, B. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1978. t. 3. v. 2. p. 343-74.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 3. ed. rev. ref. e amp. São Paulo: Pioneira, 1976.

LOWY, Michael. *Nacionalismos e internacionalismos: da época de Marx até os nossos dias*. São Paulo: Xamã, 2000. MAIO, Santos. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: FIO CRUZ/CCBB, 1996.

MARSON, Adalberto. Sobre a ideologia do caráter nacional: uma revisão. *Revista de História*, São Paulo, v. 42, n. 86, ano 22, p. 513-528, 1971.

MARTRJS, Karl Fríedrich Philipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista doIHGB*, Rio de Janeiro, n. 24, 381-403, jan., 1845.

MICELL, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difei, 1979.

\_\_\_\_\_. *Poder, sexo e letras na República Velha: estudo clínico dos anatólios*. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974*. São Paulo: Ática, 1990.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

NAXARÁ, Márcia Regina Capelari. Brasil e brasileiros interpretações científicas/ensaios de caracterização. *Revista de História*, São Paulo, n. 129-131, p. 31-51, 1993-94.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

\_\_\_\_\_. Modernidade e questão nacional. *Lua nova: Revista de Cultura e Política*, n. 20, p. 41-68, maio, 1990.

\_\_\_\_\_. As festas que a República manda guardar. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, a 4, p.172-189, 1989.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional* São Paulo; Brasiliense, 1985.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.

PRADO Jr, Bento. Cruz Costa e a história das ideias no Brasil. In: MORAES, Reginaldo et ai. (Orgs.) *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

REIS, Elisa Pereira. O Estado nacional como ideologia: o caso brasileiro. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1988.

ROBIN, Régine. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura Brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro, 1960. 5. v.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. A invenção do Brasil: um problema nacional. *Revista de História*, São Paulo, n. 118, p.3-12, 1985.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKG, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, António de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa recopilado dos vocabulários impressos ate agora*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A literatura como espelho da nação. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 239-263, 1988.

\_\_\_\_\_. *A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.

WHELING, Amo. Origens do Instituto Histórico e Geográfico Nacional, Rio de Janeiro, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Brasília/ Rio de Janeiro: n. 338, p. 7-16, janeiro-março, 1983..

WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. Minas e a nação: um estudo de poder e dependência regional, 1889-1937. In: Fausto, B. (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 2. ed São Paulo: Difel, 1978. t. 3. v. 1. p. 76-99.

## 6.2 Fontes impressas

MATTOS, Mário. Senador Diogo de Vasconcelos. *Revista do Archivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, anno XXII, 1928.

REVISTA DO ARCHIVO PÚBLICO MINÉRIO. Ata da sessão solenne da instalação do Instituto Histórico de Minas, Belo Horizonte, anno XIV, 1910.

\_\_\_\_\_. Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (origem, histórico, fins, sede), Belo Horizonte, anno XXI, 1927.

VASCONCELOS, Diogo de. *História antiga das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974. 2v.

\_\_\_\_\_. *História média das Minas Gerais*. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

VASCONCELOS, Diogo Pereira Ribeiro de. *Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da  
Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof. Henrique Soares Carneiro  
Orientador

Prof. Ronald Polito de Oliveira

Prof.<sup>a</sup> Andrea Lisly Gonçalves